# A Problemática sobre o Letramento de Jesus

Octavio da Cunha Botelho

Abril/2025

# RESUMO

Este estudo informa e analisa a dificuldade em solucionar a questão do letramento ou do analfabetismo de Jesus, sobretudo em virtude da pluralidade dos graus de letramento, conforme a época e o contexto. Para tal, o primeiro critério que temos que considerar é o de quais fontes confiar, quer nos evangelhos canônicos e/ou nos textos apócrifos, ou em ambos, pois ambos são a combinação de historicidade e ficção, a diferença entre ambos está apenas nos graus de historicidade de cada um. Se a confiança é depositada exclusivamente nos evangelhos canônicos, a conclusão é de que ele foi, mais provavelmente, um analfabeto, porém, se, em contrapartida, a confiança é depositada unicamente nos evangelhos apócrifos, o resultado é de que ele talvez foi não apenas um alfabetizado, mas também, muito provavelmente, um estudante prodígio, e se por fim, depositar a confiança nas duas fontes evangélicas, o resultado poderá ser uma provável amorfa mistura das duas fontes. Em todos os casos, os resultados se limitarão aos âmbitos das possibilidades, pois não é possível ter certeza com os escassos e duvidosos dados disponíveis.


PALAVRAS- CHAVE: Letramento de Jesus, Alfabetização, Analfabetismo, Crítica Textual, Letramento na Palestina greco-romana.

## ABSTRACT

This study informs and analyses the difficulty in resolving the issue of Jesus' literacy or illiteracy, especially due to the plurality of literacy levels, depending on the time and context. To this end, the first criterion we must consider is which sources to trust, whether the canonical gospels and/or the apocryphal texts, or both, because both are the combination of historicity and fiction, the difference between the two is only in the degrees of historicity of each. If trust is placed exclusively in the canonical gospels, the conclusion is that he was, most likely, illiterate. However, if, on the other hand, trust is placed solely in the apocryphal gospels, the result is that he was perhaps not only literate, but also, most likely, a prodigious student. And if, finally, trust is placed in both evangelical sources, the result may be a probable amorphous mixture of the two sources. In all cases, the results will be limited to the realms of possibility, because it is not possible to be certain with the scarce and dubious data available.

KEYWORDS: Jesus' Literacy, Literacy, Illiteracy, Textual Criticism, Literacy in Greek-roman Palestine

# ÍNDICE

## Primeira Parte

I.01. Introdução 06
I.02. Letramento e Analfabetismo na Antiguidade 08
I.03. A Oralidade no Passado 13
I.04. Letramento e Analfabetismo na Palestina Greco-romana do Primeiro Século e. c. 19
I.05. Sociedades Poliglotas 25
I.06. Graus de Letramento 27

## Segunda Parte

II. O Letramento de Jesus Segundo os Evangelhos Canônicos 31
II.01. A Lacuna nos Evangelhos Canônicos 31
II.02. O Suposto Letramento de Jesus os Evangelhos Canônicos 32
II.03. Supostamente Lendo 35
II.04. Supostamente Escrevendo 38
II.05. Diferentes Sentidos para o Verbo katagrafo 40
II.05.01. No Sentido Diferente de Escrever 40
II.05.02. No Sentido de Escrever 41
II.05.03. Na Coleção de Papiros Oxirrinco 42
II.05.04. Em Flávio Josefo 44
II.05.05. Na Septuaginta 44
II.06. O Verbo grafo no Novo Testamento 46
II.07. Jesus Admirado pelo seu Saber 47

## Terceira Parte

III.01. O Letramento de Jesus nos Textos Apócrifos 50
III.02. Nos Evangelhos Apócrifos 52

III.03. Os Evangelhos da Infância de Jesus 53
III.04. Os Atos Cruéis de Jesus na Infância 55
III.05. A Água de Banho e as Fraudas Milagrosas 57
III.06. Os Milagres mais Cômicos 57
III.07. O Letramento de Jesus nos Evangelhos Apócrifos 61
III.07.01. No Evangelho da Infância de Tomé (06-8 e 14-5) 61
III.07.02. No evangelho de Pseudo Mateus 65
III.07.03. No Evangelho Árabe da Infância XLVIII-L 67
III.08. Nas Cartas Apócrifas 69

Quarta Parte

IV. Conclusão – Jesus como Mestre 73

V. Bibliografia Selecionada 80

# Primeira Parte

## I.01. Introdução

Com o decorrer do tempo, quando um ensinamento alcança a importância muito além do que se previa anteriormente, sem a abundância e a precisão dos dados necessários para atender a esta relevância, o resultado é o que encontramos no crescente estudo do Cristianismo ao longo dos anos, e mais acentuadamente nos dias de hoje, isto é, uma desproporção entre o extremo escrutínio minucioso diante da escassez de dados precisos e claros, o que resulta em uma enormidade de teorias conjecturais e suposições. Certamente, os primeiros autores cristãos não imaginavam o grande sucesso de expansão do movimento no qual estavam envolvidos, por isso não se preocuparam tanto com o rigor literário e histórico do que escreviam, ou não tinham capacidade para tanto. De uma pequena e humilde seita do Judaísmo, a qual se iniciou formada por pobres e iletrados para, no futuro, desenvolver-se na religião com o séquito mais numeroso da atualidade. Da maneira que começou, seus primeiros textos (mais tarde considerados canônicos e apócrifos), tal como o ímpeto propagandista de outras religiões, foram escritos para efeito de evangelização, com o objetivo de levar adiante uma agenda proselitista e catequética. Ou seja, os seus autores eram adeptos e admiradores engajados em um projeto missionário, portanto não eram historiadores. Com isso, o interesse destes autores com o rigor da historicidade nos relatos dos ditos e dos feitos de Jesus era encoberto pelo seus ímpetos laudatórios e admiradores, consequentemente a despreocupação com a exatidão dos registros, uma

vez que estes autores não eram historiadores, mas adeptos admiradores, alguns até adeptos deslumbrados.

Somado a estes problemas, está a grande quantidade de textos destruídos pelos líderes da Igreja durante a Antiguidade e a Idade Média, a fim de eliminar as ideias e as práticas contrarias ao projeto missionário e catequético. Por conseguinte, o que temos hoje é uma escassa e imprecisa literatura sobrevivente dos primeiros anos do Cristianismo, quase em sua totalidade, a partir da exclusiva visão dos seguidores, e muitos escassos dados restantes da visão a partir dos autores neutros ou dos opositores ao movimento inicial do Cristianismo. Relatos contemporâneos a Jesus são inexistentes. Da mesma forma, isto é o que acontece com as fontes de informação sobre o letramento de Jesus, os dados são escassos, imprecisos e de historicidade duvidosa. Com o crescimento, o resultado é que hoje temos uma infinitamente maior disponibilidade de escritos cristãos, desde a perspectiva dos autores confessionais, quer canônicos ou apócrifos, e uma pequeníssima quantidade de informações desde a perspectiva daqueles de fora do movimento inicial do Cristianismo. E quando temos esta última, é através dos heresiólogos e dos historiadores cristãos (Irineu, Eusébio, etc.), escritos para contestar as críticas, através das citações de trechos das obras dos heréticos, portanto restaram apenas fragmentos e materiais editados a partir do recorte dos autores cristãos.

O resultado disto é o elevado grau de esmiuçamento dos atuais pesquisadores bíblicos, diante dos escassos e dos imprecisos dados fornecidos pela Bíblia e pelos primeiros trabalhos cristãos, em relação ao tanto que eles esperam extrair destes textos, o que conduz à formação de tantas conjecturas e teorias especulativas por estudiosos ávidos de encontrar, na Bíblia e nos textos apócrifos, resposta para os problemas textuais, teológicos e históricos sobre os ditos e os feitos

de Jesus, através de explicações conjecturais. Outro fator complicador é que as línguas antigas e clássicas não têm a mesma precisão semântica e científica das línguas contemporâneas, pois são mais poéticas, mais ambíguas e mais metafóricas, com morfologia, gramática e sintaxe muito diferentes, enquanto as línguas contemporâneas são mais precisas e mais científicas, o que se encaixa melhor na mentalidade atual. Sendo assim, é preciso um certo grau de interpretação, bem como até de conjectura, nos casos mais complexos, no momento da tradução de uma língua antiga para uma língua atual, sobretudo entre aquelas que não tiveram contato contemporâneo no passado. Pois, sob um escrutínio rigoroso, muitas passagens são traduções conjecturais, e o resultado é as divergências nas traduções.

## I.2. Letramento e Analfabetismo na Antiguidade

De uma maneira ampla, é possível definir o letramento como a habilidade de ler e de escrever em um de um número de níveis (MACDONALD, 2006: 45 e KEITH, 2009: 53). Uma sociedade letrada é aquela na qual a leitura e a escrita se tornaram essenciais para seu funcionamento, quer para toda a sociedade ou para certos aspectos vitais do seu funcionamento, tais como a burocracia, as atividade econômicas e comerciais, ou na vida religiosa. Deste modo, uma sociedade pode ser letrada porque ela usa a palavra escrita em algumas de suas funções vitais, mesmo que a maioria dos seus indivíduos não é capaz de ler e de escrever, tal como na Antiguidade e na Idade Média. Uma sociedade iletrada é uma sociedade oral, como uma sociedade na qual o letramento não é essencial a qualquer das suas atividades, por exemplo, a sociedade rural, na qual plantar, colher e criar gado não exigem letramento. Então, a memória e a comunicação oral exercem as

funções que a leitura e a escrita exercem dentro de uma sociedade letrada. Entretanto, o quatro não é de extremos, tal como “preto e branco”, pois existem graduações de letramento e de analfabetismo, conforme o ambiente e a época, tal como veremos mais adiante.

O que entendemos por letramento hoje é muito diferente do que os antigos o entendiam, atualmente as habilidades de ler e de escrever são entendidas como inseparáveis, pois, no ensino moderno, a habilidade de ler é desenvolvida simultaneamente com a habilidade de escrever e, logo em seguida, se desenvolve a capacidade de compor, conhecida por letramento composicional, de modo que nos dias de hoje é raro encontrar alguém capaz de ler, mas não capaz de escrever, ou vice versa. Na antiguidade e na Idade Média, estas habilidades não eram desenvolvidas à maneira da educação moderna, elas eram habilidades separadas, ou seja, era comum alguém saber ler, mas não saber escrever, ou vice versa. Menos ainda a capacidade de compor um texto, ou a capacidade de discutir o que lê. Portanto, a distância entre a habilidade de ler e a habilidade de escrever, na Antiguidade e na Idade Média, era muito mais acentuada do que nos dias de hoje, nos quais estas habilidades são desenvolvidas simultaneamente e caminham juntas para o resto da vida do alfabetizado. Sendo assim, quando estudamos o letramento no passado, não devemos pensar que estas eram, na ocasião, habilidades inseparáveis, tal como entendemos hoje. Para muitos alfabetizandos no passado, a culminação do ensino de letramento era o letramento composicional, ou seja, a educação fundamental terminava com o letramento composicional, o qual lhes capacitava para escrever textos das atividades triviais, tais como bilhetes, cartas, contratos, recibos, avisos, testamentos, etc., o que, por sua vez, não lhes habilitava entretanto entender ou compor textos mais complexos e extensos, qual seja, um livro, isto é,

naquele ambiente a escrita composicional era a mais alta graduação do alcance educacional para a maioria da população. Deve-se notar aqui que, a ‘escrita composicional’ deve ser distinguida da capacidade de copiar, assim como a capacidade de copiar textos literários complexos deve ser distinguida da capacidade de copiar, por exemplo, um contrato. Pois, na Antiguidade e na Idade Média era comum o uso de copistas semiletrados na reprodução de textos, ou seja, semianalfabetos que sabiam reproduzir as letras de um texto, mas não entendiam o significado do que copiavam, algo como a prática de copiar figuras. Enquanto que, o aprendizado pós-letramento composicional era para muitos poucos, restritos aos grandes centros urbanos com escolas formais, academias e bibliotecas. No passado, muitos aprendizes eram alfabetizados em casa, através dos pais ou de parentes próximos, portanto, o ensino formal, para além do letramento composicional, era privilégio de poucos, por motivos econômicos ou geográficos, uma vez que, até a Revolução Industrial, a maioria das populações vivia na região rural, onde a escola era precária, dispendiosa e distante, ou até mesmo ausente, de modo que, raramente, um estudante alcançava os altos graus do processo pedagógico. Portanto, muito diferente da educação atual, cujo ensino público está disponível para todos e efetuado em uma numerosa rede de escolas públicas suportadas pelo Estado, a qual alcança até as regiões rurais mais distantes e isoladas, até mesmo em aldeias indígenas. Consequentemente, na Antiguidade, as civilizações mais letradas (China, Índia, Grécia, Roma e Pérsia) se destacaram diante das outras iletradas, ou com menor letramento. Enfim, nas sociedades antigas, o conhecimento de ler e de escrever, bem como a capacidade de realizar operações matemáticas, era confinado a uma pequena minoria, onde muitos nem sequer alcançavam o letramento composicional, muito

menos a erudição, portanto muito diferente dos dias atuais, cujas populações são majoritariamente, não apenas alfabetizadas, mas, mais do que isto, escolarizadas em muitas disciplinas.

A humanidade sempre viveu em uma sociedade da informação, com isso aqueles que controlam e restringem o acesso ao conhecimento, consequentemente controlam uma grande parcela do poder. Mesmo antes da invenção da escrita, a comunicação oral era controlada pelos governantes e pelos religiosos. Portanto, a persuasão, a censura e a manipulação não são invenções recentes, existem desde quando surgiu a linguagem falada. Tal como veremos mais adiante "existem eruditos analfabetos". (HARRIS, 1991: 04), embora sejam raros. Esta última frase soa, para os ouvidos de um indivíduo atual, como um paradoxo, pois atualmente se entende que todo erudito precisa ser alfabetizado. Mas não era assim no passado. O conceito de alfabetizado e de analfabeto depende da época e do contexto, pois, em uma sociedade quase totalmente iletrada, alguém que, na Antiguidade, alcançava pelo menos o grau de "letrado composicional" era visto pela imensa população analfabeta como um erudito. Comparativamente, na atual educação escolar, a alfabetização é aprendida nos primeiros anos da escola pelas crianças, para em seguida aprender as disciplinas escolares (matemática, geografia, história, biologia, física, etc.), logo uma criança com apenas dois ou três anos de escolaridade é mais letrada do que quase a totalidade da população na Antiguidade e na Idade Média, incluindo os letrados composicionais daquela época. O grau de letramento composicional na Antiguidade deve equivaler aos dois primeiros anos do ensino atual, uma vez que uma criança, neste estágio, já consegue escrever uma composição. Em outras palavras, enquanto na educação atual a alfabetização é o passo inicial da escolarização,

na Antiguidade era o contrário, a alfabetização composicional, isto é, a capacidade de compor um simples texto, tal como uma carta, o que uma criança é capaz de fazer ainda nos primeiros anos de escola, era a culminação do processo educacional para quase todos. Chris Keith sugeriu que o processo poderia ser assim: “Em um estágio inicial, os alunos aprendiam a reconhecer as letras do alfabeto e, às vezes, as reproduziam mecanicamente. Com base nesta habilidade, os alunos eram então instruídos em um segundo estágio de reconhecer as sílabas, as palavras e eventualmente as sentenças. Somente após um aluno tivesse dominado esta habilidade e pudesse associar-se com a literatura, podia ele (ou mais raramente, ela) passar adiante para o avançado estágio de copiagem ou de escrita composicional” (KEITH, 2009: 70).

Quanto ao letramento na Antiguidade, os pesquisadores distinguem entre o “letramento do escriba” e o “letramento do artesão”. O letramento escribal era uma profissão no passado, escribas eram contratados para ler ou escrever textos para as família analfabetas, bem como alguns trabalhavam nas cortes imperiais anotando registros ou transcrevendo editos e outros serviços burocráticos. O artesão letrado era aquele que dominava o letramento apenas dentro dos limites da sua profissão, ou seja, o suficiente para se comunicar por escrito com os patrões ou com os companheiros da sua atividade.

Então, quando alguém conhece as conquistas intelectuais dos antigos gregos, indianos, chineses e romanos projeta sobre estes povos a ideia de que eram civilizações generalizadamente letradas. Entretanto, pesquisas históricas e antropológicas apontam para o fato de que era apenas uma pequena minoria que desfrutava deste letramento, enquanto a grande maioria da população era analfabeta, portanto se comunicavam oralmente, pois viviam na região rural, onde nem sequer

tinha a oportunidade, bem como a necessidade, de alfabetização. Sendo assim, alguém que lê as obras de Platão ou de Aristóteles se encanta com a erudição destes autores para aquela época, portanto pode ser levado a pensar que a maioria dos gregos também possuía aquele grau de letramento. Ademais, da mesma maneira, alguém que conhece a extensa e antiga literatura védica e budista dos indianos é levado a pensar que na Índia antiga o letramento era generalizado entre a população, nada mais enganoso, estas e outras foram civilizações majoritariamente orais com altos índices de analfabetismo no passado. Concluindo, o letramento era privilegio de muitos poucos, Nunca existiu alfabetização em massa em qualquer região ou época no mundo antigo, pois alfabetização em massa é um fenômeno contemporâneo.

## I.03. A Oralidade no Passado

A comunicação oral era predominante na Antiguidade, na Idade Média, até a Revolução Industrial no século XIX, do que é hoje, no entanto, oralidade não é sinônimo de ignorância, quando se leva em conta a época e o contexto, especificadamente na Antiguidade. Antes da invenção da escrita, o conhecimento era transmitido oralmente, então muito se aprendia com a instrução oral. Mesmo nos dias de hoje, existem grupos sociais, dentro de uma sociedade letrada, que optaram em se manterem analfabetos, a fim de melhor se dedicarem a suas atividades camponesas que não exigem letramento (MACDONALD, 2006: 47). Martyn Lyons defendeu a cultura oral da seguinte maneira: “o problema com a escrita foi que ela destruiu, ela arruinou a capacidade de memorizar, a qual, em algumas sociedades orais, era altamente desenvolvida. Em qualquer grupo, a memória dos anciões era um vasto repertório de história e de tradição. Tal como um homem

de Mali disse, ‘na África, toda vez que um ancião morre, é como uma biblioteca queimando” (Lyons, 2010: 16-7). Muito é possível se aprender através da instrução oral. O mais conhecido exemplo de que as sociedades pré-letramento possuíam um volume de conhecimento considerável para a época é o fato de que muitos textos antigos sobreviveram por séculos através da comunicação oral, e estes possuíam invejável conhecimento para a época, antes de serem transcritos para a forma escrita, por exemplo: os hinos védicos na Índia e os hinos de Homero na Grécia. Um exemplo curioso é o Indo-europeu, uma protolíngua reconstituída através do método histórico-comparativo da Linguística Histórica, o qual deu origem as refinadas línguas: o sânscrito, o grego, o persa e o latim. O refinamento gramatical e poético destas quatro línguas clássicas aponta para o fato de que o Indo-europeu foi também, ou até mais, uma língua exclusivamente falada muito refinada, uma vez que, até hoje, não foi possível encontrar sequer um texto escrito desta protolíngua, por conseguinte não possuía sequer um alfabeto, nem mesmo pictograma, ideograma ou hieróglifo. Portanto, um curioso exemplo de como uma língua apenas falada pode desenvolver uma gramática sofisticada, é uma das filhas do Indo-europeu, a língua sânscrita, que é um formidável exemplo de como uma língua, inicialmente apenas falada, é capaz de desenvolver gramática, poesia, prosódia e eufonia tão refinadas antes da introdução da escrita na Índia.

Quanto à oralidade na Índia Antiga, Johannes Bronkhorst observou: “Vários textos (indianos) foram transmitidos oralmente, tal como alguns são até hoje, e é difícil descobrir exatamente quais textos se enquadravam nessa categoria em qualquer período específico. Os brâmanes, às vezes chamados de casta letrada, eram, na realidade, principalmente especialistas em rituais que sabiam seus textos sagrados de memória.

Eles podiam realizar suas tarefas rituais sem alfabetização, e não pode haver dúvida de que muitos brâmanes eruditos eram, estritamente falando, analfabetos" (BRONKHORST, 2002: 01). Quando conhecemos as técnicas mnemónicas de recitação criadas e desenvolvidas pelos recitadores brâmanes no passado, a fim de aumentarem a capacidade de memorização dos textos védicos, talvez as únicas na história a alcançarem tal estágio de sofisticação, ficamos impressionados com o grau de criatividade. Também, a complexidade dos rituais e dos sacrifícios védicos são exemplos do tanto que é possível aprender com a instrução oral.

Continuando sobre a oralidade na Índia, Johannes Bronkhorst também observou em uma nota: "Mesmo no século XX... há centenas de brâmanes que aprendem não apenas todo o Rgveda... de cor, mas também memorizam o texto pāda do Rgveda, o Aitareya Bråhmana e o Aranyaka e os seis Vedāngas (que incluem os 4 mil aforismos de Pānini e o extenso Nirukta de Yaska) sem se importar em entender uma palavra deste enorme material." E Bühler afirmou no século XIX: "Um brâmane Vaidik (védico) da escola Āshwalāyana conhece o Rigveda de acordo com o Samhitā, Pāda, Krama, Jathā e Ghana Pāthas,[1] o Aitareya Brāhmana e o Aranyaka, os Sutras ritualísticos de Āshwalāyana, o Pråtishākhya de Shawnaka e o Siksha, o Nirukta de Yåska, a gramática de Pānini, o calendário védico ou Jyotisha, o tratado métrico chamado de Chandas, o Dharmasāstra de Yājñavalkya, porções do Mahābhārata, e os Shatras filosóficos de Kanāda, Jaimini, e Bādarāyana. Similarmente, os brâmanes Vaidiks das escolas Yajus, Såman, e Atharvan são capazes de

[1] Estas são as diferentes técnicas de recitação (Pathās) dos hinos védicos para fortalecer a memorização.

recitar, mais ou menos perfeitamente, todo as obras de seus respectivos Shākhās (escolas védicas), bem como alguns outros livros não-védicos. Mas seria em vão esperar de tais homens uma explicação dos tesouros literários que eles possuem." Infelizmente, Kane não nos diz quão completamente os outros textos (diferentes do Rgveda) estão sendo memorizados, e nem Bühler especifica quantos brâmanes Vaidiks haviam em seu tempo. Meus próprios contatos muito limitados com um dos mais respeitados recitadores védicos de Poona, o Pandit Kinjawadekar Shastri, me informou que seu conhecimento do Rgveda e seu pāda e krama pāthas era absolutamente impressionante, mas que esse mesmo estudioso tradicional (que de fato admitiu não entender o conteúdo do que ele recitou) teve dificuldades com uma passagem do Aitareya Aranyaka (ou seria o Upanishad?) que eu pedi para ele recitar" (BRONKHORST, 2002: 02n4). Observe que estes recitadores recitam esta enorme quantidade de textos sem a leitura dos mesmos, apenas de memória, por conseguinte um exemplo da grande efetividade da técnica de memorização védica. Também, Yijing (636-713 e. c.),[2] um monge budista que visitou e residiu na Índia, escreveu no século VII e. c.: "Os Vedas têm sido transmitidos de boca à boca, não (são) transcritos em papel ou em folhas". E Al-Biruni (973-1048 e. c.), um cientista polímata persa que também residiu na Índia por cerca de dez anos, escreveu no século XI e. c.: "Os brâmanes recitam o Veda sem compreender o seu significado, e da mesma maneira eles o aprendem de memória, um transmite para o outro (oralmente). Somente poucos deles aprendem o seu

---

[2] Ele residiu e estudou na então prestigiada universidade budista de Nalanda, norte da Índia, destruída durante a primeira invasão mulçumana, aprendeu sânscrito e traduziu cerca de 60 obras budistas do sânscrito para o chinês.

significado, e ainda menor é o número daqueles que domina os conteúdos do Veda e sua interpretação, a tal ponto de ser capaz de manter um debate teológico" (Idem: 02).

Os exemplos acima foram apresentados a fim de demostrar que, haja vista que a cultura atual utiliza tanto da comunicação escrita, que os indivíduos de hoje não têm noção do que a comunicação oral foi capaz de alcançar no passado, portanto, os exemplos acima são apresentados com o objetivo de esclarecer que, respeitando o distanciamento evolutivo, a erudição no passado era obtida oralmente. Pieter Craffert e Pieter Botha, juntamente com outros autores, reconheceram a importância deste fator na Antiguidade. "Os aspectos mágicos relacionados às técnicas de leitura e de escrita, embora bem desconhecidas para nós, eram um importante elemento das antigas tecnologias de comunicação" (BOTHA, 2005: 29). Portanto, no caso de Jesus, não é descartável a ideia de que muito do que ele ensinou (parábolas, citações das escrituras, sermões) pode ter sido aprendido oralmente. Enfim, o fato de citar trechos das escrituras não significa invariavelmente que a citação foi aprendida através da leitura, portanto necessário ser um alfabetizado para conhecer os textos sagrados, pois, diferentemente, as passagens poderiam ser sido aprendidas oralmente, visto que não temos registros de que Jesus frequentou as escolas judaicas de Jerusalém ou dos centros culturais da região. Portanto, Pieter Botha e Pieter F. Craffert observaram: "Com relação ao Jesus histórico, podemos dizer claramente que, como um camponês galileu, a descrição mais plausível dele deveria ser a de que ele era analfabeto — particularmente quando visto em termos do que entendemos que alfabetização significa. Como um camponês galileu, ele era, na melhor das hipóteses, capaz de reconhecer algumas letras (que também incluem números) e interpretar alguns nomes e/ou sinais

de inscrição. O que chamamos de leitura é “ler com compreensão”, uma atividade limitada a apenas algumas pessoas na Antiguidade. Mesmo aqueles habilidosos com textos e documentos não liam da maneira como nós, tal como os rabinos ilustram por escrito” (BOTHA, 2005: 31).[3]

Enfim, em virtude do majoritário aprendizado oral, ser analfabeto na Antiguidade não era ser tão despreparado quanto hoje, quando, ao contrário, quase todos são mais do que alfabetizados, são escolarizados.

---

[3] Esta experiência de semianalfabetíssimo pode ser sentida por um adulto que inicia o estudo de uma língua com o alfabeto diferente daquele utilizado na sua língua pátria. Eu experimente este fato quando iniciei o meu estudo de sânscrito na Índia nos anos 1980, uma vez que, o primeiro passo do aprendizado é decorar o alfabeto, no caso do sânscrito, o alfabeto devanāgarī. O sentimento inicial é o de que o aprendiz é um analfabeto, e quando decora o alfabeto, começa a identificar as palavra escritas, que antes conhecia apenas oralmente ou através da transliteração, é algo como uma experiência de alfabetização na vida adulta. Ainda mais curioso foi quando comecei a identificar palavras escritas em outra língua que utiliza também o alfabeto devanāgarī, o hindi, uma língua derivada do sânscrito ainda falada em muitas regiões do continente indiano, no meu caso em Mumbai (Bombaim naquela época), pois, eu conseguia identificar as palavras nos letreiros, nos ônibus, nos jornais e nos outdoors, sobretudo as de ortografia semelhante, mas não conseguia entender o significado de todas, uma vez que o vocabulário hindi é diferente do sânscrito.

## I.04. Letramento e Analfabetismo na Palestina Greco-romana do Primeiro Século e. c.

Embora na Antiguidade não se fizesse censos para encontrar o número de alfabetizados e de analfabetos, tal como é feito hoje, os historiadores e os pesquisadores se aventuram em estimar, através de porcentagens aproximadas, as proporções de analfabetos naquela época. Portanto, William Harris propôs que o provável nível geral de analfabetismo no Império Romano era de acima de 90% (HARRIS, 1991: 22 e KEITH, 2009: 54). “Apesar da taxa exata de alfabetização entre os judeus antigos não possa ser determinada, a sugestão de Meier Bar-Ilan de que a taxa de alfabetização judaica deve ter sido menor do que a taxa de alfabetização entre os romanos nos primeiros séculos e. c. parece muito plausível. Se a taxa média de alfabetização entre os judeus palestinos era de apenas 3%, como Bar-Ilan calculou, ou um pouco maior (BAR-ILAN, 1992: 12), deve permanecer em aberto. A questão depende naturalmente do que se entende por “alfabetização”. Se a "alfabetização" é determinada pela capacidade de ler documentos, cartas e textos literários "simples" em pelo menos um idioma e de escrever mais do que a própria assinatura, é bastante razoável supor que a taxa de alfabetização judaica era bem abaixo dos 10-15% (de toda a população, incluindo as mulheres), que Harris estimou para a sociedade romana na época imperial. Se por "alfabetização" queremos dizer a capacidade de ler algumas palavras e frases, e escrever apenas a própria assinatura, os judeus provavelmente se aproximavam mais da taxa média dos romanos, ou seja, os judeus eram menos letrados do que os romanos. Enquanto números exatos não podem ser verificados nem falsificados e são, portanto, de pouco valor histórico, a taxa média de alfabetização judaica (de qualquer grau) deve ser considerada inferior à taxa

média romana" (HEZSER, 2001: 496 e BAR-ILAN, 1992: 02). Os estudos de Catherine Hezser concluíram que o letramento judeu era 'bem baixo', até mais baixo que os números de William Harris. O analfabetismo naquela região era tão alto, que ela denominou os poucos locais de letramento formal, bem como o exclusivo foco no ensino religioso, na Palestina romana, de "bolsões de letramento religioso hebraico" (HEZSER, 2020: 12). A maioria dos recentes estudos em cada um destes contextos unanimemente revela um total índice de baixo letramento. Muito diferente dos dias atuais, quando alguém olha ao seu redor, então todos são alfabetizados e escolarizados, enquanto que, na Palestina do século I e. c., era o contrário, quando alguém olhava ao seu fedor, quase todos eram analfabetos. Por isso não se deve perceber a educação e a cultura daquela região e daquela época com os olhos da atualidade, antes de tudo é preciso projetar um olhar diacrônico e histórico.

Catherine Hezser também observou: "Diferente das escolas fundamentais greco-romanas, as escolas judaicas, das quais nós conhecemos de fontes rabínicas, parece não ter ensinado as habilidades práticas da escrita, ou ensinado tais habilidades somente em casos raros. Ele preferiam preparar os meninos para a tarefa de ler a Torá em público". (...) pois "o objetivo das escolas judaicas era aumentar o número de leitores da Torá, excluindo as meninas desde o começo, uma vez que as meninas não eram permitidas atuar como leitoras das sinagogas" (HEZSER, 2001: 497). A partir de fontes judaicas, Meier Bar-ilan explicou assim: "As crianças eram ensinadas a ler a Bíblia, mas não necessariamente a escrever (Avot de-Rabbi Natan, A 6, p. 29). Na antiguidade, a especialização na escrita envolvia as técnicas complicadas de preparação de todos os acessórios de escrita: o pergaminho, o estilete e a tinta e, portanto, era impossível ensinar habilidades avançadas da escrita par as crianças pequenas (como

hoje em dia), então esse nível de ensino teve que ser adiado para a idade de 14–15 anos, após o estágio elementar (Jub 11:16; P.T. Ketubbot 8:11, 32c). Ou seja, mesmo entre aqueles que sabiam ler, muitos ou, mais precisamente a maioria, não sabiam escrever" (citado por KEITH, 2009: 77). Mais ainda, quando procuramos a educação além do letramento básico, os mestres judeus não ensinavam disciplinas além da religião judaica, por isso nunca ouvimos falar do ensino de Filosofia, de Ciências, de Artes, de Geometria, etc., tal como nas academias de Atenas, nas escolas de Alexandria e de Roma nas escolas judaicas, consequentemente, não existiram filósofos laicos, cientistas, matemáticos, geógrafos, geômetras, teatrólogos israelitas naquela época na Palestina, pois o ensino, além de pouco e precário, era exclusivamente religioso, mesmo em Jerusalém. Por conseguinte, o exemplo mais concreto é o de que os israelitas nunca tiveram um filósofo enciclopédico como Aristóteles naquela época.

Uma vez que não possuímos dados coletados através de censo ou de pesquisa na Palestina do século I e. c., Meier, utilizando os dados de pesquisas recentes, sobre as proporções entre alfabetizados das regiões urbanas e alfabetizados das regiões rurais, projetou-os para o passado. Portanto, é possível pelo menos estimar o alto índice de analfabetismo na Antiguidade quando o comparamos com os índices relativamente recentes. Ou seja, se tão recentemente, mesmo após a Revolução industrial, é possível encontrar índices de analfabetismo tão elevados, imagine como seria na Antiguidade, e mais ainda nas regiões rurais. Por exemplo, na primeira metade do século XX e. c., os países a seguir possuíam os seguintes altos índices de analfabetismo: Turquia em 1927 = 91,8%; Egito em 1927 = 85,7%; África do Sul em 1921 = 90,3%; Índia em 1921 = 90,5%; Afeganistão, Irã, Iraque e Arábia Saudita antes de 1950 = acima de 90% (BAR-ILAN, 1992: 02). Meier Bar-ilan estimou que: "nos

tempos dos Macabeus e no fim do período bíblico, o índice de letramento do povo judeu era de 1,5%, se não menos". E que "nas regiões rurais, este índice poderia ser de apenas 0,5% (BAR-ILAN, 1992: 12). E citou os seguintes exemplos extraídos dos livros judeus: "Uma aldeia em que há somente um que lê, ele se levanta, lê (a Torá), e se senta, ele se levanta, lê e se senta, até mesmo sete vezes". Ou seja, em algumas aldeias havia somente uma pessoa que ela capaz de ler a Torá, mesmo sendo uma prática tão estimada no Judaísmo, pois nas regiões rurais existiam poucos que eram capazes de ler. Em outro texto, a palavra "aldeia" é substituída por "uma sinagoga onde há somente um (que lê)". Estas citações retratam a escassez de alfabetizados na antiga Terra de Israel, e não existem registros de que estes índices eram diferentes na região e na época de Jesus (BAR-ILAN, 1992: 11). Ademais, não existiam centros culturais nos arredores de onde Jesus viveu, as cidades próximas de Tiberíades e de Séforis só se tornaram centros culturais urbanos a partir do ano 70 e. c, especialmente no fim da Antiguidade (século V e. c.), o centro cultural se concentrava em Jerusalém (HEZSER, 2020: 16). Portanto, o argumento de alguns cristãos, que acreditam no letramento de Jesus, de que ele recebeu sua educação em Tiberíades não é confirmado pelos achados arqueológicos, tampouco históricos, pois os prédios públicos no estilo romano desenterrados no local até agora é datado do início do século primeiro e. c., eles parecem ter sido construídos a partir do momento em que a cidade foi expandida e completamente remodelada como uma cidade (polis) romana, no fim do primeiro século e do início do segundo século e. c,. De modo que, antes de 70 e. c., Tiberíades parece ter sido uma aldeia ou uma cidade apenas rudimentarmente desenvolvida (Idem, 16-7). Sendo assim, para resolver o enigma, é preciso supor que Jesus viajou para locais distantes durante o período pré-

missionário, consequentemente acreditar nos relatos extra canônicos. Enfim, tem se provado que existe uma íntima relação entre agricultura e o letramento, ou seja, quando mais agrícola uma sociedade, maior o índice de analfabetismo, e Jesus viveu em uma região rural, se confiarmos apenas nos relatos nos evangelhos canônicos (para aprofundamento, consultar: BAR-ILAN, 1992; HEZSER 2001 e 2020).

Meier Bar-ilan demonstrou a relação rural/urbana do analfabetismo da seguinte maneira, conforme os dados de 1930.

América do Norte: porcentagem geral de analfabetos = 4%; porcentagem de camponeses = 25%

Europa: porcentagem geral de analfabetos = 15%; porcentagem de camponeses = 36%

América do Sul: porcentagem geral de analfabetos = 59%; porcentagem de camponeses = 72%

Ásia: porcentagem geral de analfabetos = 81%; porcentagem de camponeses = 69%

África: porcentagem geral de analfabetos = 88%; porcentagem de camponeses = 77% (BAR-ILAN, 1992: 04). Observe que, quanto maior a proporção de camponeses em uma região, maior a porcentagem geral de analfabetos daquela região, e quanto menor a proporção de camponeses, menor a proporção geral de analfabetos, demonstrando que o analfabetismo era muito numeroso nas regiões rurais no passado. Se em 1930, uma data relativamente recente, o quadro do analfabetismo era este, quando já tinha se iniciado o processo de alfabetização e de escolarização em massa, em muitas partes do mundo, consequentemente, antes do início deste processo de educação em grande escala, os índices de analfabetismo nas regiões rurais eram ainda mais elevados, certamente muito altos na Antiguidade.

Catherine Hezser explicou assim: “Ao discutir a alfabetização na Galileia, precisamos considerar a

ocupação predominantemente rural da população. Com exceção de uma minoria de artesãos, a grande maioria dos judeus galileus trabalhava na agricultura, como pequenos proprietários, arrendatários ou trabalhadores rurais. Como tal, não teriam muita necessidade de aprender a ler e escrever. Os contratos de compra e venda eram acordos orais, vinculativos por juramentos e atestados por testemunhas. Pode-se presumir que a propriedade fundiária teria sido registrada e os recibos de impostos entregues à população local pelos oficiais romanos. Mas isso teria preocupado apenas os proprietários de terras. Grandes proprietários de terras compravam e vendiam terras e pagavam grandes quantias em impostos, atividades para as quais desejavam documentação. O pequeno proprietário, que trabalhou em sua própria terra durante toda a vida e a legou ao filho mais velho quando morreu, pode nunca ter precisado de documentos escritos. O esforço e os custos podem ter sido simplesmente altos demais para algo que foi considerado desnecessário" (HEZSER, 2020: 18). Também, "parece que até 70 e. c., o desenvolvimento dos centros urbanos galileus foi bastante limitado. A partir da segunda metade do século I e. c., Tiberíades parece ter sido a única cidade propriamente dita, mas evidências de sua importância cultural vêm da Antiguidade Tardia. Durante todo o período do Segundo Templo, Jerusalém teria permanecido como o centro político, econômico e religioso" (Idem, 20).

Entretanto, é preciso observar que "no contexto social da Judeia Romana e do Cristianismo inicial, quatro questões impedem uma compreensão acadêmica de 'letramento', estas são: a natureza poliglota das sociedades; a presença de graduações de letramento; as diferenças entre ler e escrever e o fenômeno do letramento sagrado" (KEITH, 2009: 55).

**I.05. Sociedades Poliglotas**

Um exemplo do poliglotismo na região da Palestina, na época de Jesus, é a fixação da frase irônica “Jesus de Nazaré, o Rei dos Judeus”, por Pôncio Pilatos, em hebraico, em grego e em latim, na cruz onde Jesus foi afixado (João 19.19-20; Marcos 15.26 e Mateus 27.37). Portanto, no século I e. c., é possível confirmar a presença de pelo menos cinco línguas então faladas naquela região: o grego, o aramaico, o hebraico, o latim e o nabateu.[4] As três primeiras línguas eram comumente usadas, enquanto a quinta é raramente confirmada epigraficamente. As ruinas escritas da Galileia confirmam que “o grego era a principal língua escrita pública no final do período helenístico e no início do período romano na Palestina. O aramaico, por outro lado, raramente era usado na escrita, exceto para a marcação informal e privada de ossuários e vasos de barro” (HEZSER, 2020: 17). Quando ao aramaico, Catherine Hezser observou: “O aramaico era a língua falada pelos judeus galileus, mas seu uso na escrita era quase inexistente antes de 70 e. c. A razão para essa situação é provavelmente a falta de necessidade da escrita (e da leitura) entre os judeus rurais que falavam aramaico no final do período do Segundo Templo” (Idem, 18). Já o uso do latim era restrito às autoridades romanas, embora o latim se tornaria, cada vez mais comum e, consequentemente, a língua principal do Império Romano. Então, tal como pensam muitos cristãos, a frase em três línguas na passagem canônica

---

[4] Os nabateus foram um antigo povo semítico, ancestrais dos árabes, que habitaram a região norte da Arábia, o sul da Jordânia e Canaã, bem como a região fronteiriça entre a Síria e a Arábia. A capital foi a magnífica Petra (intensamente visitada por turistas hoje em razão da sua beleza esculpida na pedra), um importante centro comercial e ponto de passagem dos viajantes da Rota da Seda no passado.

acima é exemplo de que o letramento era popular na Palestina do século I e. c. Ao contrário, o letramento naquela região era muito baixo (entre 5 e 3%). Entretanto, é preciso observar que alguns judeus, sem dúvida, desenvolveram a habilidade rudimentar de leitura e de escrita, mas para muitos pesquisadores isso provavelmente significava a habilidade de escrever seus próprios nomes. De modo que, o aldeão médio provavelmente teria tido dificuldade em compor uma carta, bem como não tinha habilidade técnica para redigir um testamento ou um contrato. Sendo assim, a publicação da frase "Jesus de Nazaré, o Rei dos Judeus" não poderia ter sido destinada a maioria da população, mas sim para aqueles poucos alfabetizados, em qualquer destas línguas, pois era um costume muito comum na Antiguidade que os alfabetizados lessem os escritos para os analfabetos, até a contratação de escribas para ler ou redigir documentos. Por exemplo, na bandeira do estado onde resido, é exibida a frase latina "*Libertas quae sera tamen*" (Liberdade, ainda que tardia), mas este escrito não significa que a maioria dos habitantes do meu estado seja capaz de ler o latim. Enfim, nem sempre algo é publicado para que todos leiam. Também, na nota de um dólar dos EUA, existem frases em latim, o que não significa que a maioria da população estadunidense seja capaz de ler esta antiga língua.

De modo que, a natureza poliglota do Cristianismo inicial, de certa maneira, complica a compreensão, bem como a avaliação, do letramento naquela região. Chris Keith, citando Gamble, descreveu o cenário assim: "Um cristão na Palestina do primeiro século e. c. poderia ser completamente letrado em aramaico, bem letrado em hebraico, semialfabetizado em grego e analfabeto em latim, enquanto que, um cristão em Roma, no segundo século e. c., poderia ser letrado em latim, semialfabetizado em grego, mas ignorante em aramaico e em hebraico" (KEITH, 2009:

56). Pois, em uma sociedade poliglota, nem todos são alfabetizados em todas as línguas correntes, bem como era possível encontrar a presença de indivíduos que eram analfabetos em todas as línguas. Portanto, quando desejamos saber se alguém é letrado em uma sociedade poliglota, é preciso primeiro perguntar em qual ou em quais línguas este indivíduo é letrado, e em quais ele não é alfabetizado. Pois um grego poderia considerar um judeu que não conhecesse a língua grega de analfabeto e vice versa. As línguas grega, hebraica e latina são utilizadas em alfabetos diferentes, então para lê-las e escrevê-las é preciso conhecer os respectivos alfabetos. Na Antiguidade, mais ainda nos dias de hoje, existiu e ainda existe, o recurso de escrever uma língua originalmente escrita em um determinado alfabeto através de outro alfabeto, este recurso se chama transliteração. Por exemplo, a palavra grega para Jesus é ἰησοῦς, a transliteração para o alfabeto latino é “iesous” e a tradução para o latim é “Jesus”. Portanto, transliteração não é o mesmo que tradução. A transliteração ajudou, e ainda ajuda, o conhecimento de outra língua através de outro alfabeto. Este recurso é muito utilizado em países com muitas línguas e muitos alfabetos diferentes, tal como a Índia (para mais detalhes sobre poliglotismo na Palestina do século I, e. c., ver: Harris, 1991: 188-90 e Meier, 1991: vol. I, 253-68).

## I.06. Graus de Letramento

No sentido mais conhecido, “alfabetização refere-se basicamente à capacidade de ler e escrever”, embora existam obviamente grandes variações nas habilidades de leitura e de escrita, de modo que letramento não tão fácil de definir em virtude das nuanças. “Letramento não e um conceito determinável por fronteiras bem definidas, uma vez que é susceptível à variação em contexto e nível” (KEITH, 2009: 56n15). A

mais comum definição; "a habilidade de ler e de escrever", não cobre todas as circunstâncias, todos os níveis e todos os contextos históricos e regionais. Chris Keith, citando Harry Y. Gamble, apresentou uma definição mais abrangente e graduada de letramento: "A alfabetização pode ser entendida como algo desde a alfabetização de assinatura (a capacidade de escrever o próprio nome), até a capacidade de decifrar uma mensagem breve e pontual, até a alfabetização funcional de artesãos, até as habilidades desenvolvidas de ler e de compreender extensos textos literários" (KEITH, 2009: 57). Portanto, é indispensável atentar para a necessidade, para os níveis e para as épocas. Senso assim, uma definição precisa de 'letramento' depende não apenas da língua específica empregada, mas também da tarefa a ser realizada conforme o ofício. Com relação ao contexto antigo, no entanto, pode-se adquirir uma compreensão adequada de indivíduos 'letrados' apenas em comparação com uma compreensão com aqueles que são 'semiletrados' e 'analfabetos'.

Uma divisão que facilita a compreensão dos graus de letramento na Antiguidade, seguindo uma ordem crescente de graduação, é a seguinte: o letramento do artesão; o letramento do comerciante e o letramento do escriba. Um processo semelhante acontece quando aprendemos uma língua estrangeira, cujo aprendizado pode seguir a seguinte graduação: apenas rudimentar, apenas conversacional, capaz de leitura acadêmica e capaz de escrita acadêmica. Esta experiência foi tão real na Antiguidade como é nos dias de hoje, como alguém que aprende uma língua estrangeira e, mais ainda, quando esta língua é uma escrita com alfabeto diferente. Quando aos semiletrados, William Harris os definiu como "pessoas que podem escrever lentamente ou não, e que podem ler sem serem capazes de ler textos longos e complexos" (Harris, 1991: 05). Neste grupo podem estar incluídos aqueles

indivíduos que podem ter sido alfabetizados o bastante para assinar seus próprios nomes ou ler placas, e o suficiente para participar dos negócios locais em graus maiores ou menores. Quanto ao letramento da época de Jesus, Chris Keith, citando Lemire, escreveu: “Muitos israelitas sem dúvida aprenderam leitura e escrita rudimentares, mas para muitos isto provavelmente significava a habilidade de escrever seus próprios nomes. O aldeão médio provavelmente teria tido dificuldades em compor uma carta, e provavelmente não tinha habilidade de rascunhar um testamento ou um contrato” (KEITH, 2009: 58).

Catherine Hezser ofereceu uma descrição adequada da graduação da leitura na Judeia Romana assim: “Um modelo que vai do centro para a periferia de círculos concêntricos pode ser aplicado às práticas de leitura judaica na Palestina Romana: No centro, deve-se imaginar um número muito pequeno de pessoas altamente alfabetizadas que podiam ler textos literários, tanto em hebraico/aramaico quanto em grego. Depois, havia outro círculo ligeiramente mais amplo de pessoas que podiam ler textos literários apenas em hebraico/aramaico ou grego. Eles estavam cercados por pessoas que não sabiam ler textos literários, mas apenas cartas curtas, listas e relatos. Uma proporção maior da população podia ter sido capaz de identificar letras, nomes e rótulos individuais. Eles, assim como a vasta maioria de seus contemporâneos totalmente analfabetos, tinham acesso aos textos apenas por meio de intermediários” (HEZSER, 2001: 473).

Tal como já esclarecemos acima, um analfabeto não significava um ignorante na Antiguidade, pois, naquela época, bem mais do que hoje, se aprendia muito com a oralidade, uma vez que as sociedades antigas eram mais orais do que letradas. Se for assim, todos os povos antes da criação da escrita eram ignorantes, o que não é fato. Com a invenção da escrita, os indivíduos

analfabetos e semialfabetizados reconheceram e respeitaram o letramento, pois era possível perceber o poder do letramento na sociedade, uma vez que este podia acessar os indivíduos ao conhecimento que não estava disponível na oralidade, consequentemente, os letrados eram os detentores do poder. Quando percebemos desde a perspectiva da graduação de letramento, torna-se mais difícil identificar, no passado, o indivíduo completamente analfabeto.

# Segunda Parte

## II. O Letramento de Jesus Segundo os Evangelhos Canônicos

### II.01. A Lacuna nos Evangelhos Canônicos

Em regra geral, a alfabetização de um indivíduo acontece na infância, quanto a isto os Evangelhos Canônicos apresentam uma lacuna narrativa da vida de Jesus dos 12 aos 30 anos de idade. Consequentemente, muita curiosidade foi despertada para saber o que Jesus fez neste período omitido. Uma das conjecturas mais conhecidas é a de que Jesus conviveu com os Essênios, uma comunidade judaica agora desaparecida. Em consequência, um caloroso debate foi travado entre aqueles pesquisadores que aceitam a hipótese de que Jesus foi um essênio, e os que discordam de tal hipótese, resultando em uma literatura relativamente extensa sobre o assunto. Então, muitos estudos comparativos entre os ensinamentos de Jesus nos Evangelhos e os dados extraídos dos curtos relatos deixados por Flávio Josefo, Plínio o velho e Fílon de Alexandria, as informações mais extensas são as de Flávio Josefo, quem alegou ter convivido com os Essênios, levando em conta tanto as semelhanças quanto as diferenças. O debate ganhou ainda mais calor após a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, cujos textos como a Regra da Comunidade, o Documento de Damasco e a Regra da Congregação exibem semelhanças, em partes, com as ideias e com as práticas dos Essênios, somando assim mais informações sobre esta antiga comunidade judaica, embora estes textos apresentem curiosas diferenças

com os relatos dos três autores citados acima, por isso nem todos os pesquisadores concordam que estes textos sejam essênios, e muito menos que se assemelham tanto com os ensinamentos de Jesus. Então, esta curiosidade foi preenchida no passado com a composição de textos como o Evangelho da Infância de Tomé, o Evangelho de Pseudo Mateus e o Evangelho Árabe da Infância, todos considerados apócrifos, nos quais são relatadas as experiências da alfabetização de Jesus, de uma maneira mitológica e exaltada, tal como veremos mais adiante.

O fato da literatura apócrifa exibir mais caráter fantasioso e fictício, não anula o fato do Novo Testamento Canônico também estar repleto de ficções, pois em linhas gerais, quando comparamos em conjunto, ou seja, no todo, os textos apócrifos realmente são mais fictícios, levando em conta as exceções, do que os textos canônicos, porém a diferença é apenas de grau, e não de contraposição rigorosa, ou seja, a dicotomia de que o Novo Testamento Canônico é histórico na íntegra, enquanto os textos apócrifos são fictícios na íntegra, tal como pensam todos os cristãos na atualidade. Portanto, em virtude da dubiedade histórica de ambas coleções de textos, o estudo abaixo levará em conta tanto as passagens canônicas, como as passagens apócrifas.

## II.02. O Suposto Letramento de Jesus nos Evangelhos Canônicos

Quando analisamos o fato de que se Jesus foi letrado ou analfabeto, ou mesmo um pouco de ambos, o primeiro critério que temos que considerar é o de quais fontes confiar, quer nos evangelhos canônicos e/ou nos textos apócrifos, ou em ambos, pois se a confiança é depositada nos evangelhos canônicos, a conclusão é de que ele foi, mais provavelmente, um analfabeto, porém,

se, em contrapartida, a confiança é depositada nos evangelhos apócrifos, o resultado é de que ele talvez foi não apenas um alfabetizado, mas também, muito provavelmente, um estudante prodígio, e se por fim, depositar a confiança nas duas fontes evangélicas, o resultado poderá ser uma provável amorfa mistura das duas fontes. Em todos os casos, os resultados se limitarão aos limites das possibilidades. Os textos apócrifos recebem uma quase total incredibilidade entre os pesquisadores e os historiadores acadêmicos, em razão do seu caráter mais mitológico e de composição mais tardia que os evangelhos canônicos, bem como, quase da mesma maneira, é preciso observar que nem tudo nos evangelhos canônicos é história. Pois, tal como veremos adiante, a discussão sobre o letramento de Jesus, o fato é que não é possível resolver a questão com qualquer grau de certeza. Tal como em grande parte da pesquisa relacionada à Antiguidade, as conclusões são em grande parte decisões baseadas em probabilidades, mais ainda quando temos poucas provas. Por isso, John P. Meier observou: “É preocupante reconhecer, tal como aqui, como também tão frequentemente na pesquisa sobre Jesus, que nós chegamos às nossas conclusões, não por textos diretos, claros e indubitáveis, mas, no mais das vezes, por argumentos indiretos, inferência e convergentes linhas de probabilidades” (MEIER, 1991, vol. I, 278). Estas observações são mais pertinentes à mentalidade dos estudiosos do meio religioso e entre os teólogos, em contrapartida, muito ausente, por exemplo, na mentalidade dos cientistas das Ciências Naturais, onde as teorias são mais consistentes, haja vista que quase todos os pesquisadores, do primeiro meio, são religiosos confessionais ou professores em escolas ou cursos religiosos, por isso seus trabalhos são publicados, na maioria, em editoras, em jornais e em revistas religiosas, portanto trazem a mentalidade conjectural para a

pesquisa. Ou seja, existem mais explicações conjecturais do que confirmações incontestáveis, sendo assim quase todas as teorias explicativas são passiveis de contestação, com isso encontramos sempre teorias contrárias. Sendo assim, as pistas sobre o letramento de Jesus presentes no Novo Testamento canônico são poucas e muito breves, bem como as mais extensas aparecem em textos de baixa credibilidade (os apócrifos), de maneira a dificultar a avaliação como provas.

Quanto a sua capacidade de ler, a pista mais clara nos evangelhos canônicos está na passagem de Lucas 4.16-19, quando lhe é entregue um rolo de manuscrito de Isaias, e quanto a sua capacidade de escrever, a pista está na passagem João 8.06 e 08, em uma passagem muito conhecida, a Perícope da Mulher Adúltera (João 7.53-8.11), apontada pelos pesquisadores como uma das mais extensas interpolações nos Evangelhos[5], juntamente com Marcos 16.09-20.[6] Em Lucas 4.16-9, Jesus efetua a leitura de uma passagem de Isaias 61.01-2, a leitura é feita nos versículos Lucas 4.18-9, porém com divergências em ambos os textos, ou seja, a leitura de Jesus não coincide exatamente com o texto de Isaias, a sua leitura parece mais uma paráfrase, portanto estes exemplos não são provas do letramento de Jesus, apenas pistas sem confirmação clara, tal como mostraremos abaixo. Para John P. Meier, "todas as três passagens (João 7.15, João 8.06 e Lucas 16-30) estão envolvidas em

---

[5] Uma vez que o episódio não aparece nos mais antigos e melhores manuscritos.

[6] Também não parece nos mais antigos manuscritos, com isso os pesquisadores apontam que o texto de Marcos originalmente terminava em 16.08.

problemas de interpretação e de historicidade" (MEIER, 1991, vol. 1, 268).[7]

### II.03. Supostamente Lendo

Lucas 4.18-9

Texto grego (NA27)
18 πνεῦμα κυρίου ἐπ᾽ ἐμέ, οὗ εἵνεκεν ἔχρισέν με εὐαγγελίσασθαι πτωχοῖς, ἀπέσταλκέν με κηρύξαι αἰχμαλώτοις ἄφεσιν καὶ τυφλοῖς ἀνάβλεψιν, ἀποστεῖλαι τεθραυσμένους ἐν ἀφέσει,
19 κηρύξαι ἐνιαυτὸν κυρίου δεκτόν.

Texto latino (Vulgata)
18 Spiritus Domini super me, propter quod unxit me, evangelizare pauperibus misit me, sanare contritos corde,
19 prædicare captivis remissionem, et cæcis visum, dimittere confractos in remissionem, prædicare annum Domini acceptum et diem retributionis.

Tradução (NRSVUE, 2021)
18 "O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque ele me ungiu
para levar boas novas aos pobres.
Ele me enviou para proclamar libertação aos cativos
e recuperação da vista aos cegos,
para libertar os oprimidos,
19 para proclamar o ano aceitável do Senhor."

Compare com Isaias 61.01-2

Texto hebraico (Tanakh)

[7] Problemas de tradução também podem ser incluídos.

רֽוּחַ אֲדֹנָ֥י יְהֹוִ֖ה עָלָ֑י יַ֡עַן מָשַׁח֩ יְהֹוָ֨ה אֹתִ֜י לְבַשֵּׂ֣ר עֲנָוִ֗ים 1
שְׁלָחַ֙נִי֙ לַחֲבֹ֣שׁ לְנִשְׁבְּרֵי־לֵ֔ב לִקְרֹ֤א לִשְׁבוּיִם֙ דְּר֔וֹר
וְלַאֲסוּרִ֖ים פְּקַח־קֽוֹחַ׃

לִקְרֹ֤א שְׁנַת־רָצוֹן֙ לַֽיהֹוָ֔ה וְי֥וֹם נָקָ֖ם לֵאלֹהֵ֑ינוּ לְנַחֵ֖ם כָּל־ 2
אֲבֵלִֽים׃

Texto grego Septuaginta
1 πνεῦμα κυρίου ἐπ᾽ ἐμέ οὗ εἵνεκεν ἔχρισέν με εὐαγγελίσασθαι πτωχοῖς ἀπέσταλκέν με ἰάσασθαι τοὺς συντετριμμένους τῇ καρδίᾳ κηρύξαι αἰχμαλώτοις ἄφεσιν καὶ τυφλοῖς ἀνάβλεψιν
2 καλέσαι ἐνιαυτὸν κυρίου δεκτὸν καὶ ἡμέραν ἀνταποδόσεως παρακαλέσαι πάντας τοὺς πενθοῦντας

Texto latino (Vulgata)
1 Spiritus Domini super me,
eo quod unxerit Dominus me;
ad annuntiandum mansuetis misit me,
ut mederer contritis corde,
et prædicarem captivis indulgentiam,
et clausis apertionem;
2 ut prædicarem annum placabilem Domino,
et diem ultionis Deo nostro;
ut consolarer omnes lugentes,

Tradução (NRSVUE, 2021 e JPS, 2000)
1 O espírito do Senhor DEUS está sobre mim
porque o SENHOR me ungiu;
ele me enviou para levar boas novas aos oprimidos,
para curar os corações partidos,
para proclamar liberdade aos cativos
e libertação aos prisioneiros,
2 para proclamar o ano da graça do SENHOR
e o dia da vingança do nosso Deus,

para consolar todos os que choram.

Observe que os textos coincidem apenas nas primeiras frases, de modo que a partir da frase “e a recuperação da vista aos cegos” (grego: καὶ τυφλοῖς ἀνάβλεψιν; latim: et cæcis visum), lida por Jesus, a leitura de Jesus começa a divergir do texto de Isaias 61.01-2, então daí em diante algumas frases da leitura de Jesus não aparecem em Isaias e vice versa. Por exemplo, a frase acima na leitura de Jesus “e recuperação da vista aos cegos” (grego: καὶ τυφλοῖς ἀνάβλεψιν; latim: et cæcis visum) não aparece no texto de Isaias, bem como algumas frases no texto de Isaias são omitidas na leitura de Jesus, chama a atenção a estranha frase: “e o dia da vingança do nosso Deus” (hebraico: yôm nâqâm; grego: ἀνταποδόσεως; latim: et diem ultionis Deo nostro), bem como a frase final não é lida por Jesus: “para consolar os que choram”. (grego: πάντας τοὺς πενθοῦντας; latim: ut consolarer omnes lugentes). Estes problemas deixam dúvidas sobre o grau de alfabetização de Jesus, ou seja, se ele era alfabetizado, analfabeto, parcialmente alfabetizado ou analfabeto funcional. Também, por outo lado, as traduções gregas e latinas não são rigorosamente coincidentes com o texto hebraico.

Ademais, Jesus leu apenas dois versículos, o texto completo de Isaias se estende até o versículo onze (Isaias, 61.01-11), talvez ele leu apenas o suficiente para informar àqueles ouvintes que “Hoje cumpriu-se a Escritura que ouvistes” (Lucas. 4.21), ou seja, ele escolheu para ler apenas o trecho inicial. O rolo de manuscrito do texto de Isaias, que Jesus alegadamente leu, lhe foi entregue por um auxiliar da sinagoga: “ele (Jesus) desenrolou o rolo de manuscrito e encontrou o local onde estava escrito” (Lucas, 4.17). Bem, para tal tarefa, é preciso saber ler. Entretanto, a questão é que, nas tradições antigas, era comum, e ainda é em algumas

tradições, os adeptos conheceram as escrituras de memória, justamente porque muitos eram analfabetos e então memorizavam os textos, para assim transmitir oralmente para os discípulos ou para os descendentes. Por exemplo, na Índia, ainda hoje é possível encontrar recitadores hindus que conhecem o texto completo da Bhagavad Gītā de memória (700 versos duplos – shlokas). Portanto, até mesmo um analfabeto é capaz de memorizar e de recitar um texto sagrado de memória. No caso de Jesus, por falta de dados nesta passagem, não é possível saber se ele realmente leu ou se ele já conhecia a passagem de memória e apenas a recitou, já sabendo que era um texto de Isaias, também não é possível saber se o manuscrito estava em aramaico, em hebraico ou em grego. Enfim, não é possível extrair desta passagem uma certeza do seu letramento, apenas uma hipótese, em virtude de outras hipóteses em contrário.

### I.04. Supostamente Escrevendo

Já, a passagem onde Jesus escreve aparece no Evangelho de João 8.06 e 08, em um episódio que ficou muito conhecido por Perícope da Adúltera[8], sobretudo em virtude da conhecida frase de Jesus “Quem não tiver pecado, que atire a primeira pedra”. As passagens são as seguintes: 8.06 ὁ δὲ ἰησοῦς κάτω κύψας τῷ δακτύλῳ κατέγραφεν εἰς τὴν γῆν (Jesus se inclinou e escreveu com o seu dedo no chão.) e 8.08 καὶ πάλιν κατακύψας ἔγραφεν εἰς τὴν γῆν. (E, uma vez mais, ele se inclinou e escreveu no chão). Bem, o primeiro e crucial fato a ser observado aqui é a polissemia do verbo grego ἔγραφεν (egrafen ou ἔγραφε egrafe – escreveu), terceira pessoa

[8] Bart C. Ehrman e Zlatko Plese avaliaram este episódio como “história apócrifa” (EHRMAN and PLESE, 2011: 413).

do passado do verbo γράφω (grafo), que tem muitos significados em grego: arranhar, cortar, desenhar, rabiscar, pintar, riscar, escrever ou propor uma lei (*A Greek-English Lexicon*, Liddell and Scott, 1940 e BEEKES, 2010: 285-6)**.** Verbos gregos derivados de γράφω (grafo): **ἐγγράφω - engrafo** (marcar, pintar, inscrever, registrar, escrever); **ἀναγράφω - anagr**afo (esculpir, registrar, descrever, inscrever); **εἰσγράφω** – eisgrafo (escrever, inscrever). No latim existem as seguintes palavras de origem grega: graphicē (arte do desenho ou da pintura); graphis (desenho, risco, planta) e graphĭum (estilo de escreve, estilete). A Vulgata traduz ἔγραφεν (egrafen) por "scrībēbat" (escreveu), terceira pessoa do passado do verbo scrībō, o qual, além do significado de escrever, significa também: desenhar, traçar linhas, letras ou figuras, gravar, assinalar, marcar com um cunho, descrever (LEWIS and SHORT, 1879; SIMPSON, 1960: 267 e 539 e TORRINHA, 1937: 367 e 777). Portanto, em razão da polissemia, não é possível saber com precisão o que Jesus fez quando se inclinou, ele pode ter escrito, desenhado, rabiscado, arranhado ou marcado, de modo que esta passagem não é prova incontestável do seu letramento, apenas uma possibilidade, somado ao agravante de que esta passagem (Perícope da Adúltera) é comprovadamente uma interpolação tardia (para detalhes sobre a interpolação, ver: BOTELHO, 2025) Em 8.06, algumas edições trocam a palavra κατέγραφεν (kategrafen – escreveu inclinado para baixo), pela simples ἔγραφεν (egrafen – escreveu), outros manuscritos complementam com a frase "os pecados de todos os acusadores", John P. Meier sugeriu que ele poderia ter escrito "a decisão judicial que ele (Jesus) emitiria", ou "os relevantes textos bíblicos como Jeremias 17.13 ou Êxodo 23.01". Mesmo se for verdade que Jesus escreveu no chão, Meier argumentou: "Em qualquer

caso, mesmo o rabisco de umas poucas palavras no chão não nos informaria muito sobre o nível de letramento de Jesus" (MEIER, 1991: vol. I, 269).

## II.05. Diferentes Sentidos para o Verbo katagrafo

### II.05.01. No Sentido Diferente de Escrever

Também, o verbo "escrever" nem sempre significa escrever letras alfabéticas, pois alguém pode escrever algarismos, ideogramas, hieróglifos, logogramas, sinais cuneiformes, criptogramas, taquigrafia e códigos. John P. Meier sugeriu, citando outro autor, que uma "muito mais simples possibilidade é a de que Jesus estava desenhando linhas no chão para mostrar seu desinteresse no caso ou o seu desgosto com o excessivo zelo dos acusadores" (MEIER, 1991, vol. 1, 269), mas esta explicação também é uma suposição. Alguns analfabetos funcionais, conforme a profissão, não sabem ler e escrever, mas sabem fazer algumas operações matemáticas, por isso são capazes de escrever números, pois, tal como já mencionado, o analfabetismo tem diferentes graus. O historiador e geógrafo grego Heródoto (485 a. e. c. - 425 a. e. c.) utilizou o verbo καταγράφω - katagrafo em um sentido diferente de escrever: "Esta é a razão disso: quando o filhote começa a se mexer na mãe, suas garras, muito mais afiadas do que as de qualquer outra criatura, rasgam o útero e, à medida que cresce, ele arranha e rasga muito mais (καταγράφων - katagráfon), de modo que quando a hora do nascimento se aproxima, raramente resta alguma parte do útero inteira" (Heródoto, *Histórias*, 3.108.04 – KEITH, 2009a: 30), portanto no sentido de arranhar e rasgar. Mais próximo da época de Jesus, o historiador grego Diodoro Sículo (90 a e. c. - 30 e. c.) utilizou o verbo καταγράφω (katagrafo) no sentido de "alistar no exército", ele afirmou

em sua obra *Biblioteca de História* 13.02.02 que, “em zelo militar, alguns romanos em Atenas foram voluntariamente aos generais e insistiram para que fossem alistados (καταγρειν - katagrein) entre os soldados”. Em outra passagem da mesma obra (13.04.01) ele afirmou: “Hermocrates, Sicano e Hercleides alistaram (καταγραφων - katagrafon) soldados...”, e em uma terceira passagem (13.54.01), ele usou o verso no mesmo sentido: “Aníbal... reuniu tanto os mercenários que havia reunido da Península Ibérica quanto os soldados que havia alistado (καταγραντας) da Líbia”. E em uma quarta passagem (13.70.01): “Assim que Lisandro assumiu o comando, ele alistou (κατγραφε) um número adequado de soldados do Peloponeso”. Em um sentido relativamente próximo ao anterior, o historiador e geógrafo grego Estrabo (ou Estrabão – 63 a. e. c. – 24 e. c.) escreveu em *Geografia* 14.01.21: “Houve um Senado que foi recrutado (καταγραφομένη - katagrafoméne)”.

**II.05.02. No Sentido de Escrever**

Já Plutarco (46 e. c. – 120 e. c.), um contemporâneo dos autores dos evangelhos, usou o verbo καταγράφω (katagrafo) duas vezes em sua obra *Vidas Paralelas* no sentido de escrever. Mencionando Sólon, ele observou: “Todas as suas leis teriam força por cem anos e foram escritas (κατεγραφησαν - kategrafesan) em “axônios”, ou tábuas de madeira, que giravam com as molduras oblongas que as continham” (Sólon, 21.01). Em outra passagem, ele usou este verbo em um sentido semelhante: “eles escreviam (καταγραφουσιν - katagrafousin) o que eles desejavam o pergaminho (Lisander, 19.06). Estes exemplos da *Vidas Paralelas* de Plutarco são exemplos de que, em alguns casos no primeiro século, καταγράφω (katagrafo) indubitavelmente se referia à escrita alfabetizada.

### II.05.03. Na Coleção de Papiros Oxirrinco

Esta coleção de manuscritos foram descobertos a partir do fim do século XIX e início do século XX pelos papirologistas e editores Bernard Pyne Grenfell e Arthur Surridge Hunt em um antigo depósito de lixo perto de Oxirrinco (Oxyrhynchus) no Egito. Os manuscritos datam do período do terceiro século a. e. c. até a conquista mulçumana do Egito em 640 e. c. Quase todos estão na forma de papiros, a maioria em grego, e alguns em línguas egípcias, latim e árabe, também foram encontrados alguns muitos poucos em hebraico, aramaico, sírio e pahlavi. As publicações começaram em 1898 por B. P. Grenfell e A S. Hunt, desde então mais de cinco mil documentos já foram descobertos, os quais estavam em caixas de fragmentos de papiros. Os mesmo foram publicados através de uma série, *The Oxyrhynchus Papyri*, que se prolonga até hoje, a última publicação foi o volume LXXXVII em agosto de 2023, por outros editores. Entretanto, as estimativas dos pesquisadores é de que esta quantidade já publicada representa apenas de 1% a 2% do restante dos manuscritos ainda para serem descobertos. A quantidade é numerosa, mas quase todos estão muito danificados, alguns não restam mais de algumas poucas frases que não preenchem sequer a metade de uma página. Para efeito de facilitação, os nomes dos papiros são abreviados através da sigla P.Oxy, exemplos: P.Oxy 268, P.Oxy 242, P.Oxy328, etc. A maioria é de textos não literários, portanto códigos de leis, editos, registros, correspondências oficiais, petições, registros da corte, vendas, empréstimos, testamentos, decretos, contabilidade, inventários, horóscopos e cartas particulares, apenas 10% são textos literários, inclusive fragmentos do Antigo e Novo Testamentos. Por exemplo, no manuscrito P.Oxy 02 ($\mathfrak{P}^{1}$ na nomenclatura Nestlé-Aland) encontrou-se apenas o primeiro capítulo do Evangelho de Mateus. No manuscrito P.Oxy 03 (069 na nomenclatura Nestlé-Aland) foram encontrados os

fragmentos de apenas Marcos 10.50-1 e 11.11-2 (GRENFELL and HUNT, 1898: part. I, 04-8) e no manuscrito P.Oxy 208 (𝔓[5] Nestlé-Aland) foram encontrados apenas os fragmentos dos capítulos 1, 16 e 20 do Evangelho de João (GRENFELL and HUNT, 1898: part. II, 01-8). O papiro P.Oxy 209 (𝔓[10] Nestlé-Aland) apenas os sete primeiros versos do primeiro capítulo da Epístola de Paulo aos Romanos (Idem, part. II: 08-9) e muitos outros. Enfim, o número de achados é grande, mas quase todos estão muito danificados. Bart D. Ehrman e Zlatko Plese publicaram os textos gregos e traduziram para o inglês os seguintes papiros de textos apócrifos: P.Oxy 210, P.Oxy 840, P.Oxy 1224, P.Oxy 2949 e P.Oxy 4009, todos tão fragmentados que não é possível identificar se correspondem a algum apócrifo já descoberto (EHRMAN and PLESE, 2011: 259-93; ver também: ELLIOTT, 2005: 31-5 e OTERO, 1956: 81-8).

Quanto ao verbo καταγράφω - katagrafo, esta coleção é uma rica mina de informação sobre os significados deste verbo, uma vez que aparece muitas vezes nos manuscritos e, para o estudo aqui, sobretudo aqueles mais contemporâneos aos compositores dos evangelhos (séculos I e II e. c.). O manuscrito P.Oxy 268, datado de 58 e. c., trata do reembolso de um dote, o qual inclui uma cláusula escrita na margem esquerda do papiro. No fim da segunda linha da cláusula, aparece a frase γεγνυα καταγραφη - gegonuia katagrafe (sendo escrito, sendo registrado), ou seja, neste texto o verbo καταγράφω (katagrafo) significa “registrar por escrito” (GRENFELL and HUNT, 1898: part. II, 249 e KEITH, 2009a: 34). Portanto, um significado muito próximo daquele pretendido pelo interpolador da passagem em João 8.06 e 08).

P.Oxy 327 (fim do século I e. c.) e P.Oxy 328 (85 e. c.) confirmam o significado de καταγράφω (katagrafo) como “registrar uma transação”. P.Oxy 327 é um aviso para um agoramonus (gerente) para registrar (καταγράφειν - katagrafein) a venda da metade da quota

de um escravo, chamado Dionísio, com cerca de trinta anos de idade, e P.Oxy 328 é o início e uma aviso para o agoramonus (gerente) de Theom, filho de Serapião, para registrar (καταγράφειν - katagrafein) uma venda. Portanto, do P.Oxy 329 (fim do primeiro século e. c.) ao P.Oxy 340 (98-9 e. c.) são avisos de solicitações para o registro de transações (GRENFELL and HUNT, 1898: part. II, 307-8 e para aprofundamento, ver: KEITH, 2009a: 33-7).

### II.05.04. Em Flávio Josefo

O verbo καταγράφω - katagrafo aparece em duas obras de Flávio Josefo, na Antiguidade dos Judeus VI.66 e em A Guerra dos Judeus V.214. Na primeira passagem, o verbo está no sentido de “escrever”: “O profeta, tendo colocado por escrito (καταγραψας - katagrapsas) para eles, tudo que estava por vir...” (Jewish Antiquities, VI.66 – THACKERAY, 1950: vol. V, 198 e 199 e KEITH, 2009a: 38). Já na obra A Guerra dos Judeus V.214, o verbo aparece em um sentido diferente do anterior e daquele nos Papiros de Oxirrinco: “Nesta tapeçaria foi retratado (κατεγέγραπτο - kategégrapto) um panorama dos céus, exceto os signos do Zodíaco” (*The Jewish War*, V.214 – THACKERAY, 1957: vol. III, 264 e 265). Enquanto na primeira passagem o sentido é de “escrever”, na segunda passagem o sentido é de “retratar”.

### II.05.05. Na Septuaginta

O verbo katagrafo aparece onze vezes no Antigo Testamento Grego, em sentidos nem sempre coincidentes: Êxodo 17.14 e 32.15; Números 11.26; 1 Crônicas 9.01; 2 Crônicas 20.34; 1 Esdras 2.12; Jó 13.26; Sir 48.10; Horea 8.12 e Macabeos 9.22 e 14.26. Na passagem de Êxodo 17.14, o Senhor ordenou a Moises: “Escreva (κατάγραψον – katagrapson) isto como uma recordação em um livro e o recite diante dos

ouvidos de Joshua...". Moisés é solicitado para escrever, mas a ordem também carrega um sentido de registrar, algo como "escreva isto para registrar". Katagrapson (escreva) é a tradução do verbo hebraico כתב (katav), escrever, registrar, matricular, gravar (Blue Letter Bible – BLB). Esta é uma das oito passagens da Septuaginta onde o verbo grego καταγράφω (katagrafo) é a tradução do verbo hebraico כתב (katav). Em Êxodo 32.15: "Moisés voltou e desceu da montanha carregando duas tabuletas da aliança em suas mãos, as tabuletas estavam escritas (καταγεγραμμέναι – katagegramménai) em ambos os lados, escritas (γεγραμμέναι – gegramménai) na frente e no verso" (NRSVUE, 2021). Chris Keith observou que esta passagem "é o uso mais importante da Septuaginta do verbo grego καταγράφω (katagrafo) para a adequada compreensão de João 8.06 e 08..." (KEITH, 2009a: 39). Mais uma vez, o verbo καταγεγραμμέναι (katagegramménai) é a tradução do verbo hebraico כתב (katav). Note que na frase seguinte, o verbo γράφω (grafo) é utilizado sem o prefixo κατα (kata), ou seja γεγραμμέναι (gegramménai), tal como em João 8.06 e 8.08, como se fossem sinônimos. Enfim, em ambas passagens, Êxodo 17.14 e 32.15, καταγράφω (kagtagrafo) aparece no sentido de escrita alfabetizada.

Em Números 11.26, o sentido se assemelha ao de Diodoro Sículo, no qual o verbo καταγράφω (katagráfo) aparece no sentido de registro formal: "Dois homens permaneceram no acampamento (...), eles estavam entre aqueles inscritos (καταγεγραμμένων - katagegramménon), mas eles não tinham saído da tenda, então eles profetizaram no acampamento" (NRSVUE – 2021). Esta forma de inscrição, registro ou alistamento primariamente descreve um ato extra literário, e não especificamente uma prática literária, pois os dois homens estavam inscritos na lista, mas não significa que eram alfabetizados.

Curiosamente, em 2 crônicas 30.34, o verbo katagrafo aparece neste dois sentidos diferentes acima (escrever e registrar) no mesmo versículo: "Agora, o

restante dos atos de Josafá, do primeiro ao último, estão escritos (γεγραμμένοι - gegramménoi) nos Anais de Jeú, filho de Hanani, os quais estão registrados (κατέγραψεν - katégrapsen) no Livro dos Reis de Israel" (NSRVUE – 2021). Na primeira menção, γεγραμμένοι - gegramménoi (escritos) é a tradução do verbo hebraico כתב (katav) escrever, enquanto a segunda κατέγραψεν - katégrapsen (registrados) é a tradução de outro verbo hebraico, עלה (ala), de tradução problemática, em virtude da extensa polissemia. As demais passagens, 1 Crônicas 9.01; 1 Esdras 2.12; Jó 13.26; Eclesiastes 48.10; Oseias 8.14; 1 Macabeus 9.2 e 14.26, katagrafo aparece no sentido de escrita alfabetizada.

## II.06. O Verbo γράφω (grafo) no Novo Testamento

Nos cálculos de Chris Keith, este verbo aparece 191 vezes no Novo Testamento, sempre no sentido de "está escrito", "está escrito por Moisés" ou "está escrito na Lei e nos Profetas". Veja alguns exemplos: "Mas Jesus disse a eles: 'Por causa da dureza do coração de vocês, ele escreveu (ἔγραψεν – egrapsen) este mandamento para vocês" (Marcos 10.05 – NRSVUE, 2021). "e perguntaram a ele: 'Mestre, Moisés escreveu (ἔγραψεν – egrapsen) para nós que..." (Lucas 20.28 – NRSVUE, 2021). "E ele disse a eles: 'Estas são as palavras que eu falei para vocês, enquanto eu estava ainda com vocês, que todas as coisas devem ser cumpridas, que foram escritas (γεγραμμένα – gegramména) na Lei e nos Profetas..." (Lucas, 24.44 – NRSVUE, 2021). "Eu não escrevo (γράφω – grafo) estas coisas para envergonhar vocês..." (1 Coríntios 4.14 – NRSVUE, 2021). E, "Agora, as coisas que eu escrevo (γράφω – grafo) para vocês..." (Gálatas, 1.20 – NRSVUE, 2021).

Enfim, exceto na passagem interpolada de João 8.06, o verbo καταγράφω (kagtagrafo), presente em passagens da Septuaginta, não aparece em outra passagem do Novo Testamento, somente o verbo

(γράφω – grafo) no sentido de escrever, uma vez que o interpolador da Perícope da Adúltera (João 7.53-8.11) entende que ambos os verbos são sinônimos. Portanto, com base nas menções na Septuaginta e nas outras passagens do Novo Testamento, está claro que o interpolador da Perícope da Adúltera pretendeu utilizar estes verbos no sentido de escrever e com isso mostrar Jesus como alguém letrado, talvez na intenção de colocar fim a uma discussão sobre o letramento de Jesus, vigente em sua época. Chris Keith concordou argumentado que, mesmo que o verbo γράφω (grafo) não signifique exclusivamente escrever, provavelmente o interpolador da passagem da Perícope da Adúltera pretendeu interpolar no sentido de escrever, com isso assegurar que Jesus era alfabetizado (KEITH, 2009a: 30), na tentativa de encerrar a dúvida sobre o letramento de Jesus.

## II.07. Jesus Admirado pelo seu Saber

Outra passagem, mas com uma referência bem mais indireta e mais curta, acontece em João 7.15: “Os judeus ficaram maravilhados diante disto, dizendo: ‘Como este homem conhece a literatura (γράμματα – grámmata), quando ele nunca foi ensinado’”? O substantivo γράμματα – grámmata é o plural de γράμμα – grámma, que significa: letra ou símbolo impresso, gravura, desenho, escrita; então γράμματα - grámmata pode significar: letras, literatura, alfabeto. Por exemplo: a pergunta: Ξέρεις γράμματα (xéreis grámmata) significa “você conhece as letras”? ou “você sabe ler”? Substantivo derivado do verbo grego: γράφω - grafo (eu escrevo, eu desenho, eu risco, eu rabisco), infinitivo: **γρᾰ́φειν** - gráfein (escrever, riscar, desenhar, etc.). Portanto, esta passagem deixa a dúvida de se os judeus estavam surpresos com o fato de Jesus ser alfabetizado, ou não apenas com isso, mas com sua capacidade de conhecer as escrituras e de argumentar teologicamente.

Uma vez que o substantivo grego no plural “grámmata” pode significar tanto “letras” como “literatura”, não é possível saber com precisão se os judeus estavam impressionados como fato de Jesus saber ler, ou com a sua capacidade argumentativa com conhecimento profundo das escrituras, o que representa um grau de letramento acima da simples capacidade de ler. Tal como foi mencionado anteriormente, no passado, em razão do difícil acesso à educação formal, sobretudo nas regiões rurais, a prática de memorizar textos sagrados era comum. Um exemplo prático atual é que é possível encontrar na web vídeos de crianças hindus recitando o *Bhagavad Gītā* inteiro, entretanto esta habilidade não significa que estas crianças são eruditas, algum espectador poderá até ficar impressionado, pois elas podem estar recitando sem sequer conhecer o completo significado de tudo o que recitam. Também, é possível encontrar crianças cristãs fazendo pregações e sermões nos altares das igrejas, imitando a prática do pai que é pastor. Em geral, as crianças possuem excelente memória. Sendo assim, não é impossível que, no passado, um adulto, com boa memória, pudesse ser um mestre e ensinar outros[9], sobretudo nas regiões rurais onde o índice de letramento era muito baixo, em uma época quando a transmissão oral era muitas vezes mais comum do que a transmissão escrita. Memorização não

---

[9] Na chácara onde resido, tive uma experiência pessoal relativamente próxima às circunstancias acima, pois durante muitos anos fui vizinho de um senhor analfabeto, cujo conhecimento sobre plantas era impressionantemente extenso, tanto teórico como prático, com isso ele foi capaz de me ensinar sobre o assunto. Ademais, quando residi na Índia, encontrei devotos que conheciam as escrituras hindus de memória. Ouvi falar até de um pandit cego que conhecia dezenas de textos de memória.

é o mesmo que erudição. Portanto, esta passagem deixa a dúvida se Jesus era um analfabeto que conhecia as escrituras apenas de memória, ou alguém apenas razoavelmente alfabetizado que era capaz de ler e de escrever, mas não era capaz de discutir as escrituras, ou um erudito que era capaz, em virtude do seu imenso saber, de até comentar as es escrituras e de discutir teologia.

# Terceira Parte

## III.01. O Letramento de Jesus nos Textos Apócrifos

O leitor poderá estar perguntando: se os textos apócrifos não são reconhecidos como relatos autênticos, por isso não são reconhecidos como confiáveis para os cristãos em geral, portanto não foram incluídos na Bíblia, qual a razão de reproduzi-los aqui? A resposta é que o reconhecimento de um texto e a rejeição de outros é uma questão de homologação ideológica, teológica e política, bem como de canonização conforme a corrente sectária, portanto uma escolha relativa ao período da canonização de uma mensagem religiosa pregada por alguém considerado um visionário. A diversificação canônica não acontece apenas com o Cristianismo, é um fato comum em quase todas as religiões. Cada corrente sectária pensa que os seus textos são os originais e os das outras são adulterações. A canonização de textos é determinante na posterior formação da exegese e da teologia, pois conforme os textos escolhidos, assim será a interpretação.

O argumento de que os textos canônicos são mais históricos, em relação aos textos apócrifos, portanto reproduzem mais fielmente a vida e os ditos de Jesus, uma vez que foram compostos primeiro (70 a 110 e. c.), enquanto os apócrifos foram compostos mais tarde (a partir do século II e. c.). Este é atualmente um entendimento quase unânime na pesquisa histórica do Cristianismo. Entretanto, é preciso levar em conta que ambos, os canônicos e os apócrifos, foram compostos a partir de relatos orais, antes da composição escrita. Portanto, não temos certeza do que foi omitido e o que foi acrescentado, no momento da composição escrita. Ou seja, o que as composições canônicas omitiram ou

acrescentaram, e o que os apócrifos omitiram ou acrescentaram, em relação à tradição oral da época. Por exemplo, o que os mais extensos relatos do letramento de Jesus, nos textos apócrifos, que pertenciam à tradição oral, ou o são mitos acrescidos para ilustração, ou preenchimento de lacunas dos textos canônicos. Ou, em contrapartida, se os mais curtos relatos nos evangelhos canônicos são omissões de tradições orais suspeitas, então correntes na época, ou que estas nem sequer existiam e foram inventadas posteriormente, quando das composições mais tardias dos apócrifos. Não é possível extrair uma conclusão desta questão, apenas hipóteses mais prováveis, ou, no máximo, quase certezas.

A partir das obras remanescentes, é possível identificar que, na Antiguidade, a principal corrente rival da emergente corrente dominante era o Gnosticismo, em razão, sobretudo, do incômodo dos heregiólogos (Irineu, Orígenes, etc.) com esta interpretação cristã no início do Cristianismo. Sabemos que, nos primeiros séculos, não existia uma uniformização canônica, ou seja, cada comunidade seguia textos diferentes da outra, até o início da tentativa de unificação no século IV e. c. Bem como, conhecemos através da história, que existiram textos que foram incluídos e depois excluídos, assim como alguns que só foram incluídos mais tarde. Consequentemente, as Bíblias não são rigorosamente iguais. Entretanto, para os historiadores, os textos apócrifos são tesouros de informações sobre a fase inicial do Cristianismo, pois é possível perceber que a diversidade de interpretações, de cânones e de correntes era muito maior que se conhecia antes das suas descobertas, sobretudo a relativamente bem preservada coleção conhecida por Biblioteca de Nag Hammadi, encontrada em 1945, no Egito, sendo majoritariamente composta de textos gnósticos. Entre todos os textos apócrifos encontrados até hoje, o mais

lido e conhecido é o Evangelho de Tomé, uma coleção de 114 provérbios pronunciados por Jesus, cujo conteúdo leva aquele que o lê pela primeira vez a perguntar porque este evangelho não foi incluído entre os canônicos, em razão da sabedoria dos ditos de Jesus, tal como a passagem (§ 03), com uma provável influência oriental: "Jesus disse: "Se os vossos líderes vos disserem: 'Vejam, o reino está no céu', então as aves do céu vos precederão. Se vos disserem: 'Está no mar', então os peixes vos precederão. Mas, o reino está dentro de vós, e está fora de vós. Quando vos conhecerdes a vós mesmos, então sereis conhecidos e compreendereis que sois filhos do Pai que vive. Mas se não vos conhecerdes a vós mesmos, então estais em pobreza, e sois vós que sois a pobreza" (EHRMAN, 2011: 311).

### III.02. Nos Evangelhos Apócrifos

Agora, se nos evangelhos canônicos as referências ao letramento de Jesus são poucas e duvidosas, por outro lado, de longe, os relatos mais extensos aparecem nos apócrifos, através de relatos fantasiosos e milagrosos, algumas passagens são até cômicas. A narrativa mais extensa está no Evangelho da Infância por Tomé, parágrafos 06 a 08 e 14 a 15. Na passagem 6.03, o menino Jesus xinga o seu primeiro professor de "hipócrita". O segundo professor lhe atingiu com um golpe na cabeça, com isso o menino Jesus o amaldiçoou e o terceiro lhe tratou bem, então contente, Jesus retirou a maldição do professor anterior. O menino Jesus foi levado para aprender as letras com três professores, o primeiro professor foi um desastre, pois Jesus já conhecia o alfabeto melhor que este professor, Zaqueu, mesmo antes de começar as aulas. Este é o texto com o relato mais extenso da alfabetização do menino Jesus nos Evangelhos, tanto canônicos quanto apócrifos.

**III.03. Os Evangelhos da Infância de Jesus**

O número de evangelhos, nos primeiros anos do Cristianismo, era tão grande que os mesmos podiam até mesmo ser classificados em gêneros. Os historiadores não apresentam números coincidentes, mas estima-se que, pelo menos, cinquenta evangelhos eram existentes na época do Concílio de Nicéia (325 e. c.). Atualmente, se levados em conta os manuscritos na íntegra ou os em fragmentos, mais de trinta foram descobertos. Dentre os tantos gêneros, um deles é o gênero dos Evangelhos da Infância de Jesus. Estes nunca foram canonizados, por isso, com o tempo, caíram no esquecimento, bem como foram queimados pela Igreja na Idade Média. De modo que muitos hoje, cristãos ou ateus, nem sequer sabem que estes textos apócrifos existem. Em vista do número de manuscritos sobreviventes, estes textos devem ter gozado de certa popularidade nas regiões onde a perseguição ortodoxa era menor.

Parece que a principal intenção com a composição dos *Evangelhos da Infância* foi mostrar o conhecimento precoce de Jesus de sua origem sobrenatural e de seu poder sobre a vida e a morte. Bem como, outro objetivo pode ter sido preencher a omissão sentida nos textos ortodoxos quanto às informações sobre a infância de Jesus. Exceto a passagem em Lucas 2:41-50, os Evangelhos Canônicos são quase que omissos sobre os primeiros anos da sua vida.

O leitor cristão dos dias de hoje ficará chocado com estes relatos, enquanto que o cético se deleitará com a comicidade dos eventos, no entanto, deve-se levar em conta que os textos cristãos e o Cristianismo dos primeiros séculos eram muito diferentes do que temos atualmente, após muitos séculos de exclusiva leitura habitual dos textos canônicos. Assim, é preciso lembrar que, nos primeiros séculos, não existia uma uniformidade textual nos relatos evangélicos, diferentes igrejas utilizavam distintos textos, até que

gradativamente se consolidou uma corrente predominante, vitoriosa nos primeiros concílios, que unificou os textos e homologou o cânone. Portanto a diversidade de relatos orais e de textos era enorme, daí que os cristãos daquela época não deviam se chocar com estas narrativas, que para nós hoje parecem ridículas e cômicas.

De fato, dentre os gêneros de evangelhos, os da infância são os mais risíveis. Algumas passagens até parecem episódios de filmes de comédia. Confesso que, quando li estes textos pela primeira vez, no início dos anos 1980, não consegui conter o riso, sobretudo no episódio do milagre do alongamento da tábua durante a confecção de uma cama, para socorrer José, pai de Jesus, um carpinteiro imprevidente.

Os Evangelhos da Infância de Jesus sobreviventes são:

- *Evangelho da Infância* por *Tomé* (EHRMAN, 2011: 03-29; ELLIOTT, 2005: 68-83; SCHNEEMELCHER, 2003, Vol. I, 439-51 e OTERO, 1956: 299-324)
- *Evangelho Árabe da Infância* (OTERO, 1956: 326-57 e resumo em ELLIOTT, 2005: 100-8)
- *Livro da Infância do Salvador* (OTERO, 1956: 275-92 e 387-93)
- *Evangelho Armênio da Infância* (OTERO, 1956: 379-86)
- *Protevagelium de Tiago* (SCHNEEMELCHER, 2002: vol. I, 421-39; EHRMAN, 2011: 31-71 e OTERRO, 1956: 135-88)
- *História de José o Carpinteiro* (OTERO, 1956: 358-78; ELLIOTT, 2005: 111-7 e EHRMAN, 2011: 358-78)
- *Evangelhos Latinos da Infância* - forma Arundel (EHRMAN, 2011: 115-55)
- *Evangelho de Pseudo Mateus* (OTERO, 1956: 189-257 e EHRMAN, 2001: 73-113)

Muitos episódios se repetem em diferentes passagens nos evangelhos da infância, o *Evangelho da Infância por Tomé* parece ser o mais antigo, e os outros podem ter sido compostos a partir dele. O *Evangelho Árabe da Infância* é o mais extenso. Todos eles tratam

da vida de Jesus dos cinco aos doze anos, terminando com o episódio de Jesus no templo, narrado em Lucas 2:41-50. O *Evangelho da Infância por Tomé* inicia a narrativa onde termina o *Protoevangelho de Tiago*, portanto pode ser considerado uma continuação.

## III.04. Os Atos Cruéis de Jesus na Infância

Nos relatos destes evangelhos apócrifos da infância, Jesus também realiza alguns milagres cruéis, causando lesões corporais e assassinando crianças e adultos, por motivos fúteis. Veja em seguida alguns deles. No *Evangelho da Infância por Tomé* III.1-3, é relatado que “O filho de Anás, o escriba, estava ali com José. Ele pegou um ramo de salgueiro e espalhou a água que Jesus havia recolhido. (2) Jesus ficou irritado ao ver o que tinha acontecido e disse-lhe: “Injusto e irreverente! Que mal lhe fizeram as poças de água? Veja, agora você também ficará seco como uma árvore, e nunca mais dará folhas, nem raiz, nem fruto.” 1 (3) Imediatamente a criança secou completamente. Jesus saiu e voltou para a casa de José. Mas os pais da criança seca o levaram embora, lamentando sua juventude perdida. Levaram-no a José e começaram a acusá-lo: “Que tipo de filho você tem, que faz tais coisas”? (EHRMAN, 2011: 11 e ELLIOTT, 2006: 135-6).

Em seguida, neste mesmo evangelho IV.1-02, um episódio que é repetido no *Evangelho Árabe da Infância*, cap. XLVII” .... (01) ele (Jesus) estava passando pela aldeia, quando uma criança correu e bateu em seu ombro. Jesus ficou irritado e disse-lhe: "Você não irá mais longe em seu caminho". Imediatamente a criança caiu e morreu. (...). (2) Os pais da criança morta foram até José e o culparam, dizendo: "Já que você tem um filho assim, não pode viver conosco na aldeia. Ou ensine-o a abençoar e não a amaldiçoar, pois ele está matando nossas crianças!" (EHRMAN, 2011: 13; ELLIOTT, 2006: 140-1 e OTERO, 1956: 354). E a crueldade não acaba aqui, logo adiante, no capítulo

V.01, “José chamou a criança (Jesus) e a advertiu em particular: "Por que você está fazendo essas coisas? Essas pessoas estão sofrendo, nos odeiam e nos perseguem!" Mas Jesus respondeu: "Eu sei que estas não são as suas palavras; no entanto, eu também ficarei em silêncio por sua causa. Mas aqueles outros sofrerão o seu castigo." E imediatamente aqueles que o acusavam ficaram cegos” (EHRMAN, 2011: 13 e ELLIOTT, 2006: 140-1).

E ainda mais, noutra passagem do *Evangelho Árabe da Infância*, cap. XLVI, Jesus estava brincando, num dia de *Sabbath*, com outras crianças na beira de um rio, onde tinham feito passarinhos de barro. Ao ver aquilo, o filho de um judeu, pois é proibido fazer tais coisas neste dia sagrado dos judeus, os advertiu e começou a destruir o que tinha sido feito. Quando Jesus estendeu as mãos em direção aos passarinhos de barro que tinha feito, estes saíram voando e cantando. Quando o filho do judeu se aproximou da poça, que Jesus tinha cavado, para destruí-la, ela secou e Jesus disse-lhe: “Vê como esta água secou, assim será com a sua vida”. E a criança secou (ELLIOTTT, 2006: 138 e OTERRO, 1956: 354). Este milagre é narrado no *Evangelho da Infância* por Tomé o Israelita, capítulo II, mas com a omissão do assassinato da criança que secou.

Estes atos cruéis relatados acima, presentes nos Evangelhos da Infância, não são tão absurdos quando comparamos com os milagres dos Evangelhos Canônicos. Porém, nem estes últimos textos ficaram absolutamente livres de um ato cruel. Veja a maldição e a agressão ambiental de Jesus em Mateus 21:18-20 (também, Marcos 11:12-14 e 20-26), “De manhã, voltando à cidade, (Jesus) teve fome. Vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela, mas não achou nada senão folhas, disse-lhe: ‘Jamais nasça fruto de ti’. E imediatamente a figueira secou” (NRSVUE, 2021).

## III.05. A Água de Banho e as Fraudas Milagrosas

A água do banho de Jesus, enquanto bebê, segundo o *Evangelho Árabe da Infância,* era milagrosa e realizava curas, ela curou uma jovem leprosa (seção XVII – OTERO, 1956: 336), um menino leproso filho da esposa de um príncipe (seção XVIII. 1-03 – OTERO, 1956: 337-8), o feitiço de um jovem que foi transformado em um mulo (XX e XXI – Idem: 338-9), duas crianças atacadas por uma peste em Belém (XXVII e XXVIII – Idem: 342-3) e outros milagres de cura.

Também, as fraudas de Jesus realizavam milagres e a morte de rivais. Numa passagem do *Evangelho Árabe da Infância*, seção XI, uma criança foi curda com o contato com as fraudas de Jesus (OTERO, 1956: 333-4). Numa passagem mais adiante, XXXIII, do mesmo evangelho, uma jovem era atormentada por Satã, que lhe aparecia na forma de um dragão. A família vivia uma profunda tristeza. Sua mãe, ao saber das curas do menino Jesus, foi até Belém encontrar com Maria, a qual lhe deu um pouco de água do banho de Jesus, para derramá-la sobre o corpo da possuída. Em seguida, entregou-lhe as faixas que enrolaram o menino Jesus. Então sua mãe retornou a sua cidade, e quando veio o tempo no qual Satã costuma atormentá-la na forma de um dragão, a jovem colocou sobre sua cabeça as faixas e desdobrou-a, e de repente, delas saíram chamas que se dirigiam à cabeça e aos olhos do dragão. Com isso, Satã fugiu apavorado, abandonando a jovem e nunca mais apareceu (OTERO, 1956: 346-7).

## III.06. Os Milagres mais Cômicos

Em seguida, é apresentada uma seleção dos milagres mais hilários na infância de Jesus, extraída principalmente do *Evangelho Árabe da Infância* e do *Evangelho da Infância por Tomé*.

– *Jesus fala no berço ainda bebê*: Em ordem cronológica, o primeiro milagre de Jesus aconteceu quando tinha acabado de nascer, ainda bebê no berço, quando falou a sua mãe; “Eu, que nasci de ti, sou Jesus, o Filho de Deus, o Verbo, como te anunciou o anjo Gabriel, e meu Pai me enviou para a salvação do mundo” (*Evangelho Árabe da Infância*, seção I – OTERO, 1956: 328). Este milagre é mencionado também no Alcorão (XIX, 30-3), mas com uma redação diferente: “Sou um servo de Alá (*inni abdul lahi*). Ele me concedeu a Escritura; fez-me profeta; fez-me abençoado onde quer que eu esteja. Ele me ordenou que orasse, que desse esmola enquanto eu vivesse, que cuidasse de minha mãe. Ele não me fez dominador nem desgracioso. A paz estava comigo no dia em que nasci e estará comigo no dia em que eu morrer, e no dia em que eu for ressuscitado”. Observe o cuidado do compositor do Alcorão em especificar que Jesus é “um servo de Alá”, ao invés de “o Filho de Deus”, uma vez que os mulçumanos admitem que Jesus (Isa) foi um profeta de Alá, mas não o Filho de Deus. Na teologia islâmica, Deus não tem filho.
– *Medida de tábua não era problema*: O pai de Jesus era carpinteiro e costumava fazer arados e cangas. Ele recebeu um pedido de um homem rico para fazer uma cama. Mas, quando a medida de uma das vigas transversais ficou pequena demais, ele não soube o que fazer. O menino Jesus disse ao seu pai, “coloque as duas peças de madeira sobre o chão e as alinhe do meio para a extremidade”. José fez assim tal como a criança disse. Então, Jesus se colocou na outra extremidade, pegou a tábua mais curta e a esticou até alcançar o mesmo comprimento da outra (*Evangelho da Infância por Tomé*, cap. 13; EHRMAN, 2011: 19). Este milagre é reproduzido também no *Evangelho Árabe da Infância cap*. XXXVIII com uma redação mais curta (OTERO, 1956: 349).
– *As estátuas de barro*: Quando Jesus completou sete anos de idade, ele brincava um dia com outras crianças

de sua idade. Para divertirem-se eles faziam com o barro imagens de animais, tais como lobos, asnos, pássaros, e cada um elogiava o seu próprio trabalho, esforçando-se para que fosse melhor do que os dos seus companheiros. Então Jesus disse para as outras crianças: ordenarei às estatuas de barro que fiz que andem e elas andarão. E então Jesus ordenou às imagens que andassem e elas imediatamente andaram. Quando ele mandava voltar, elas voltavam. Ele havia feito estátuas de pássaros que voavam quando ele ordenava que voassem e paravam quando ele dizia para parar, e quando ele lhes dava bebida e comida, eles bebiam e comiam (*Evangelho Árabe da Infância,* cap. XXXVI; OTERO, 1956: 348).

– *Jesus, tintureiro adivinho*: Certo dia, em que brincava e corria com outras crianças, Jesus passou em frente a uma loja de um tintureiro que se chamava Salém. Havia nesta loja tecidos que pertenciam a um grande número de habitantes da cidade, e que Salém se preparava para tingir de várias cores. Tendo Jesus entrado na loja, pegou todas as fazendas e jogou-as na caldeira. Salém ficou apavorado e disse: “Que fizeste tu, ó filho do Maria? Prejudicaste a mim e aos meus clientes”. Então, Jesus respondeu: “Qualquer fazenda que queira mudar a cor eu mudo”. E ele retirou as fazendas da caldeira, e cada uma estava tingida da cor que desejava o tintureiro (*Evangelho Árabe da Infância*, cap. XXXVII; OTERO, 1956: 348-9).

– *A explosão da cobra*: José enviou seu filho Tiago para recolher lenha e trazê-la para casa. Jesus o acompanhou. Enquanto Tiago estava recolhendo a lenha, uma cobra mordeu sua mão. Quando ele estava estirado no chão para morrer, Jesus apareceu e soprou o local da mordida. A dor passou imediatamente, a cobra explodiu e Tiago recuperou a saúde (*Evangelho da Infância por Tomé*, cap. 16; EHRMAN, 2011: 21).

– *Jesus ressuscita um menino para inocentar-se*: Jesus estava brincando num terraço de uma casa e uma das crianças, com quem brincava, caiu do terraço e morreu.

Quando as outras crianças viram o que tinha acontecido, elas fugiram, de maneira que Jesus permaneceu lá sozinho. Quando os pais do menino que caiu chegaram, eles acusaram Jesus. Mas Jesus disse, "Eu não o empurrei". Mas eles começaram a acusá-lo publicamente. Então, Jesus foi até o local do menino acidentado e com voz alta gritou, "Zenon (era o nome do menino) levanta-te e diga-me, eu empurrei você?" O menino imediatamente levantou-se e disse, "não, você não me empurrou, mas você me ressuscitou". Quando os outros viram isto, eles ficaram impressionados (*Evangelho da Infância por Tomé*, cap. 09; EHRMAN, 2011: 17).

– *Milagre para compensar um descuido*: Quando Jesus tenha seis anjos, sua mãe lhe entregou um jarro para que buscasse água para sua casa. Mas, ele tropeçou na multidão e o jarro quebrou. Então, Jesus abriu o mando que usava e o encheu de água, carregando a água até sua mãe (*Evangelho da Infância por Tomé*, cap. 11; EHRMAN, 2011: 17).

– *O imprevidente carpinteiro José é socorrido mais uma vez por Jesus*: Um dia, o rei de Jerusalém mandou chamá-lo e disse; "Eu quero, José, que me faças um trono segundo as dimensões do lugar onde costumo sentar-me". José obedeceu, e pondo mãos à obra, passou dois anos no palácio para construir o trono. E quando foi colocado no lugar, perceberam que de cada lado faltavam dois palmos a menos da medida fixada. Então o rei ficou bravo com José, que temendo a raiva do monarca, não conseguia comer e deitou-se em jejum. Então, Jesus perguntou-lhe qual era a causa do seu receio, e ele respondeu: "É que a obra que trabalhei durante dois anos está perdida". E Jesus respondeu-lhe: "Não tenha medo e não perca a coragem, pega este lado do trono e eu do outro, para que possamos dar-lhe a medida exata". E José tendo feito o que lhe havia pedido Jesus, e cada um puxando para um lado, o trono obedeceu e ficou exatamente com a dimensão desejada

(*Evangelho Árabe da Infância*, cap. XXXIX; OTERO, 1956: 349-50).

## III.07. O Letramento de Jesus Segundo os Evangelhos Apócrifos

### III.07.01. No Evangelho da Infância por Tomé 06-8 e 14-15

O primeiro professor do menino Jesus
6
(1) De pé ao lado estava um instrutor chamado Zaqueu, que ouviu Jesus dizer essas coisas ao seu pai. Ele ficou muito surpreso por ele estar falando tais coisas, embora fosse apenas uma criança. (2) Depois de alguns dias, ele se aproximou de José e disse a ele: “Você tem um filho brilhante e de boa mente. Venha, entregue-o a mim para que ele aprenda suas letras, e junto com as letras eu lhe ensinarei todo o conhecimento, incluindo como saudar todos os anciãos e honrá-los como seus ancestrais e pais, e amar as crianças de sua própria idade.” (3) E ele lhe disse todas as letras de Alfa a Ômega, claramente e com grande precisão. Mas Jesus olhou para o instrutor Zaqueu e disse a ele: “Já que você não conhece a verdadeira natureza do Alfa, como você pode ensinar a alguém o Beta? Seu hipócrita! Se você sabe, primeiro ensine o Alfa, e então nós acreditaremos em você sobre o Beta.” Então ele começou a interrogar o professor sobre a primeira letra, e ele não foi capaz de lhe dar as respostas. (4) Enquanto muitos outros estavam ouvindo, a criança disse a Zaqueu: “Ouça, professor, o arranjo da primeira letra do alfabeto; observe aqui como ela tem linhas, e um traço do meio cruzando ambas as linhas que você vê, como elas convergem com o topo projetando-se e voltando, três marcas do mesmo tipo, cada uma principal e subordinada, de igual proporção. 3 Agora você tem as linhas do Alfa.

7

(1) Quando o professor Zaqueu ouviu a criança apresentando tantas interpretações alegóricas da primeira letra, ele ficou completamente perdido sobre esse tipo de explicação e seu ensinamento, e disse aos que estavam ali: “Ai de mim! Estou miserável e completamente perdido; envergonhei-me, assumindo esta criança. (2) Peço-lhe, irmão José, que o leve embora. Não consigo suportar seu olhar severo nem entender uma única palavra. Esta criança não é deste mundo; ela pode até domar o fogo. Talvez tenha nascido antes que o mundo existisse. Não consigo entender que tipo de útero a gerou ou que tipo de ventre a nutriu. Ai de mim, amigo. Ele me confunde; não consigo acompanhar seu raciocínio. Enganei a mim mesmo e estou miserável três vezes. Eu estava lutando para ter um aluno e descobri que tinha um professor. (3) Meus amigos, conheço muito bem minha vergonha: embora seja um homem velho, fui derrotado por uma criança. Posso ficar fraco e morrer por causa desta criança, pois neste momento não posso olhá-la no rosto. Quando todos dizem que fui derrotado por uma criança, o que posso dizer? Como posso explicar as coisas que ele me disse sobre as linhas da primeira carta? Não tenho ideia, meus amigos, pois não sei seu começo ou fim. (4) E então eu peço a você, irmão Joseph, leve-o de volta para casa. Que tipo de grande coisa que ele poderia ser — seja um ser divino ou um anjo — eu não sei nem o que dizer.”

8

(1) Enquanto os judeus davam conselhos a Zaqueu, a criança riu alto e disse: “Agora, deixe o que é seu dar fruto, e levou os cegos de coração a ver. Eu vim de cima para amaldiçoá-los e chamá-los para o reino de cima, assim como o aquele que me enviou por amor de vocês ordenou.” (2) Quando a criança parou de falar,

imediatamente todos os que tinham caído sob sua maldição foram curados. Ninguém ousou irritá-lo daquele momento em diante, temendo que ele pudesse aleijá-los com uma maldição.

O segundo professor do Menino Jesus

14

(1) Quando José observou a mente da criança e sua idade, e viu que ela estava começando a amadurecer, ele novamente decidiu que ela não deveria ser incapaz de ler, e então a tirou e a entregou a outro professor. O professor disse a José: "Primeiro eu a ensinarei a ler grego, e depois hebraico." Pois o professor sabia da aprendizagem da criança e tinha medo dela. No entanto, ele escreveu o alfabeto e praticou para ela por um longo tempo; mas a criança não lhe deu resposta. (2) Então Jesus lhe disse: "Se você é realmente um professor e conhece bem as letras, diga-me o poder do Alfa, e eu lhe direi o poder do Beta." O professor ficou irritado e o golpeou na cabeça. A criança ficou ferida e o amaldiçoou; e imediatamente ele desmaiou e caiu no chão com o rosto em terra. (3) A criança voltou para a casa de José. José ficou ferido de tristeza e ordenou à mãe: "Não o deixe sair pela porta; pois aqueles que o irritam morrem."

O terceiro professor do menino Jesus

15

(1) Algum tempo depois, havia outro instrutor, um amigo próximo de José, que lhe disse: "Traga a criança para mim na escola. Talvez eu possa usar o encorajamento para lhe ensinar as letras." José lhe disse: "Se você é tão corajoso, irmão, leve-o junto com você." Ele o levou com muito medo e muita ansiedade, mas a criança foi junto alegremente. (2) Ele entrou na escola com confiança e encontrou um livro sobre a mesa de leitura. Ele o pegou, mas em vez de ler as palavras nele, ele abriu a boca e

começou a falar no Espírito Santo, ensinando a Lei para aqueles que estavam ali. Uma grande multidão se reuniu e ficou ali ouvindo-o; eles ficaram maravilhados com a beleza de seus ensinamentos e suas palavras cuidadosamente elaboradas — maravilhados que ele pudesse falar tais coisas, embora ainda fosse uma criança. (3) Mas quando José ouviu sobre isso, ele ficou assustado. Ele correu para a escola, preocupado que este instrutor também pudesse ter se mostrado inexperiente. Mas o instrutor disse a José: “Você deveria saber, irmão, que eu levei a criança como aluno; mas ele está cheio de grande graça e sabedoria. Agora eu te peço, irmão, leva-o para casa.” (4) Quando a criança ouviu essas coisas, ele imediatamente riu dele e disse: “Já que você falou corretamente e testemunhou corretamente, por sua causa aquele outro que foi ferido será curado.” E imediatamente o outro instrutor foi curado. José pegou a criança e voltou para casa. (Evangelho da Infância de Tomé, 06-08 e 14-15; EHRMAN and PLESE, 2011: 12-17 e 19-21; ELLIOTT, 2005: 76-9 e para uma visão geral sobre a alfabetização de Jesus nos apócrifos, ver: ELLIOTT, 2006: 143-52).

Não é apenas esta passagem, mas o restante deste evangelho está repleto de comicidades. Uma das passagens mais cômicas é o milagre do menino Jesus para esticar o cumprimento de uma viga de madeira, como se ela fosse de borracha, para seu pai, o carpinteiro José, em 13.01-2:

(1) Agora, seu pai era carpinteiro e, naquela época, fazia arados e jugos. Ele recebeu um pedido de um homem rico para fazer uma cama para ele. Mas, quando uma das barras, a chamada viga transversal, ficou curta demais, ele não sabia o que fazer. O menino Jesus disse a seu pai José: “Coloque os dois pedaços de madeira no chão e alinhe-os do meio para uma extremidade”. (2) José fez exatamente o que o menino disse. Então Jesus ficou na outra extremidade, pegou a tábua mais curta e

a esticou para que ficasse do mesmo comprimento que a outra. Seu pai José viu o que ele tinha feito e ficou surpreso. Ele abraçou a criança e lhe deu um beijo, dizendo: “Sou abençoado por Deus ter me dado esta criança” (Evangelho da Infância de Tomé, 13.01-2; EHRMAN and PLESE: 2011: 19 e ELLIOTT, 2005: 78-9).

Outro texto apócrifo que relata o letramento do menino Jesus é O Evangelho de Pseudo Mateus §31. Um texto problemático em função da diversidade de versões e de reconstruções ao longo do tempo, com isso as edições divergem em muitos pontos, sobretudo na extensão do texto. Bart D. Ehrman e Zlakto Plese publicaram um texto latino e tradução inglesa com 24 parágrafos, Aurelio de Santos Otero publicou um texto grego e tradução espanhola com 19 parágrafos e J. K. Elliott publicou uma tradução inglesa com 42 parágrafos.

### III.07.02. No Evangelho de Pseudo Mateus

31

“... Uma segunda vez o mestre Zaqueu, doutor da lei, disse a José e Maria: ‘Deem-me o menino, e eu o entregarei ao mestre Levi, que lhe ensinará as letras e o instruirá.’ Então José e Maria, acalmando Jesus, o levaram para a escola, para que ele pudesse aprender as letras com o velho Levi. E assim que ele entrou, ele segurou sua língua. E o mestre Levi disse uma letra a Jesus, e, começando pela primeira letra Aleph, disse a ele: ‘Responda.’ Mas Jesus estava silencioso, e nada respondeu. Por isso o preceptor Levi ficou irado, e agarrou sua vara de árvore de estoraque, e o golpeou na cabeça. E Jesus disse ao professor Levi: 'Por que você me bate? Você saberá em verdade, que aquele que é atingido pode ensinar aquele que o bate mais do que ele pode ser ensinado por ele. Pois eu posso te ensinar essas mesmas coisas que você está dizendo. Mas todos

esses são cegos que falam e ouvem, como bronze que soa ou címbalo que retine, nos quais não há percepção daquelas coisas que são significadas por seu som.' E Jesus, além disso, disse a Zaqueu 'Cada letra de Aleph até Thet é conhecida por seu arranjo. Diga primeiro, portanto, o que Thet é, e eu lhe direi o que Aleph é.' E novamente Jesus disse a eles: 'Aqueles que não conhecem Aleph, como podem dizer Thet, os hipócritas? Diga-me qual é o primeiro, Aleph; e eu então acreditarei em você quando você tiver dito Beth.' E Jesus começou a perguntar os nomes das letras uma por uma, e disse: 'Deixe o mestre da lei nos dizer qual é a primeira letra, ou por que ela tem muitas formas.' E quando Levi ouviu isso, ele ficou pasmo com tal arranjo dos nomes das letras." (Evangelho de Pseudo Mateus, § 31; ELLIOTT, 2005: 90 e 2006: 145-8).

Observe que, diferente do texto anterior, neste são mencionadas as letras do alfabeto hebraico (Aleph א, Thet ט e Beth ב), ao invés das letras do alfabeto grego (Alfa α e Beta β).[10] Ou seja, no primeiro caso ele estava sendo alfabetizado em hebraico, e no segundo em grego respectivamente. Esta segunda forma de alfabetização, certamente é uma ficção, uma vez que Jesus não

---

[10] O alfabeto hebraico não é para os judeus um alfabeto qualquer, ele é sagrado e repleto de significados metafísicos, teológicos, mágicos, angelicais e sobrenaturais, assim como o sânscrito para os hindus e o árabe para os mulçumanos. Pois cada letra (22 ao todo de Aleph a Thau) está relacionada com Deus (representado pela letra Aleph), com os anjos, com diferentes epítetos de Deus, com forças da natureza, com os céus, com os mundos, etc. Sobretudo quando interpretadas pelos cabalistas. Sendo assim, o aprendizado das letras da língua hebraica não é como o dos alfabetos sem significação teológica. De modo que a sua interpretação exige preparação e estudo.

conhecia o grego, pois era a língua falada nos grandes centros pelos administradores, juntamente com o latim, isto é, era a língua das classes instruídas, e Jesus viveu em uma iletrada região rural. Naquela época, o hebraico não era mais uma língua falada no cotidiano na Palestina, sobrevivia apenas como a língua das escrituras e da liturgia. A língua falada era o aramaico, um idioma semítico falado pelos antigos povos da Mesopotâmia e da Síria, a qual se espalhou pelas regiões da redondeza, com desdobramentos dialetais, bem como adaptações para o hebraico, aprendida peles judeus durante o cativeiro na Babilônia, com isso os judeus, com o tempo, abandonaram o uso cotidiano do hebraico. Embora uma língua coloquial dos judeus, partes dos livros bíblicos Esdras e Daniel, bem como o Talmude, foram escritos em aramaico (MEIER, 1991: vol. 1, 262).

**III.07.03. No Evangelho Árabe da Infância, XLVIII-L**

XLVIII O professor confundido

1. Havia em Jerusalém um tal Zaqueo que se dedicava a ensinar as crianças. Uma dia ele disse a José: “Por que não me traz Jesus para eu ele aprenda as letras? José concordou, e foi dizer a Maria, e o levaram à casa do professor. Este, ao ver-lhe, perguntou-lhe sobre o alfabeto e o ordenou que pronunciasse a letra Aleph. Quando tinha dito Aleph, o professor ordenou que pronunciasse Beth. Respondeu então jesus: “Diga-me primeiro você o que significa a letra Aleph, e então eu pronunciarei para você a letra Beth.

2.Ao ver que o professor lhe ameaçava com um chicote, Jesus expos o significado das letras Aleph e Beth, Bem como as figuras das letras eram escritas, quais eram torcidas, quais em forma de espiral, quais pontiagudas e quais não, porque uma letra precedia a outra. E muitas coisas ao estilo que o professor não havia ouvido nem

lido em sua vida. Jesus finalmente disse ao professor: Preste atenção enquanto eu vou explicando". E começou a recitar claramente Aleph, Beth, Ghimel, Daleph até Thau. E o professor, cheio de admiração, exclamou: "Este menino nasceu antes de Joé, segundo penso". Logo o professor se dirigiu a José nestes termos: "Você trouxe este menino para que eu lhe instruísse, e resulta que ele é mais douto que todos os mestres". E disse finalmente à Maria: "Seu filho não tem necessidade de instrução alguma".

XLIX O professor castigado
1. Levanram-no depois a um professor mais instruído, quem ao vê-lo, ordenou pronunciar a letra Aleph. Quando tinha feito isto, lhe disse: "Diga agora a letra Beth". Jesus respondeu: "Diga-me primeiro o significado da letra Aleph e logo te pronunciarei a letra Beth". Então, o professor levantou a mão para lhe castigar com um chicote, porém a mão ficou seca e ele morreu imediatamente.

L Jesus professor
3. Disse-lhe novamente o principal entre os doutores: "Você lê livros?" "Sim leio", disse Jesus e "tudo o qual neles contem". E imediatamente se colocou a explicar-lhes os livros da Lei (Torá), os preceitos, os estatutos e os mistérios contido nos profetas, coisas que não alcançam a inteligência humana de criatura alguma. Disse, pois o doutor" "Eu, de minha parte, tenho que confessar que até agora não tive a oportunidade de aprender, nem ouvir nunca tais coisas". "Que pessoa que será este menino?" (Evangelho Árabe da Infância, XLVII-L – OTERO, 1956: 354-5).
Parece que esta passagem foi composta para complementar o episódio em Lucas 2.41-52, quando Jesus estava com a família em Jerusalém, de repente desapareceu dos pais, após dias de procura, ele

finalmente foi encontrado em um templo, envolvido em um diálogo com doutores e eruditos de Israel. Mas, na passagem canônica, nada é mencionado quanto ao conteúdo do diálogo com os doutores.

### III.08. Nas Cartas Apócrifas

Outra menção de que Jesus sabia ler e escreve está fora dos evangelhos apócrifos, isto é, em uma correspondência entre o governante de Edessa, Abgaro, e Jesus, portanto trata-se de cartas apócrifas, reproduzidas em grego na obra *História Eclesiástica* de Eusébio. Na primeira carta, Abgaro alegou que havia sido informado dos poderes milagrosos e curativos de Jesus, então lhe convidou para que viesse até Edessa para curá-lo de uma doença. Jesus, por sua vez, respondeu que "com relação ao seu pedido para mim ir até você, eu devo completar tudo o que eu fui enviado para fazer aqui, e após o cumprimento, eu subirei até Aquele que me enviou, após a minha ascensão, eu enviarei a você um dos meus discípulos para curar a sua doença e fornecer vida para ambos, você e aqueles que estão com você" (EHRMAN and PLESE, 2011: 216-7 e OTERO, 1956: 710-1).

A correspondência acima deixa a ideia de que Jesus era capaz de ler e de escrever, pois recebeu uma carta de Abgaro e a respondeu. Entretanto, tal como foi observado antes, a proporção de analfabetos na Antiguidade era muito alta, sendo assim era comum o uso ou a contratação de escribas para ler ou para redigir cartas ou documentos. A redação acontecia através do ditado do remetente da carta ou do autor do documento, portanto o escriba era apenas o agente da comunicação. Um exemplo desta ocorrência no Novo Testamento pode ser encontrado em 1Pedro 5.12, onde o apóstolo Pedro disse em uma carta: "Através de Silvano, quem eu considero como um irmão fiel, eu escrevi (ἔγραψα –

egrapsa) esta breve carta para lhe encorajar e testificar que esta é a verdadeira graça de Deus ...” (NRSVUE, 2021). Do texto da carta é possível extrair três hipóteses: de que o apóstolo Pedro escreveu a carta e esta foi enviada através de Silvano, portanto Pedro era alfabetizado, ou que a carta foi ditada por Pedro e escrita por Silvano, então Pedro não tinha a capacidade de escrever, ou que a carta foi ditada por Pedro para Silvano, quem também a enviou. Estas duas últimas hipóteses parecem ser as mais prováveis, uma vez que em outra passagem, agora nos Atos dos Apóstolos 4.13, Pedro é apontado como analfabeto: “Quando eles viram a coragem de Pedro e de João, e perceberam que eles eram analfabetos (ἀγράμματοί – agrammatoi) e leigos (ἰδιῶται – idiotai), ...” (NRSVUE, 2021).[11] A fim de suavizar a ideia de ignorância destes apóstolos, alguns autores traduzem *agrammatoi* por “sem educação”, e *idiotai* por “homens comuns”, alegando, tal como fez Craig A. Evans, que *agrammatoi* são apenas aqueles com falta de treinamento escriba, ou seja, aqueles que não são escribas profissionais, e *idiotai* são aqueles fora do ramo, ou fora do grupo. Isto é, em contraste com os

---

[11] O substantivo plural ἰδιῶται – idiotai, traduzido aqui por “leigos”, é de tradução problemática. Etimologicamente, deriva do prefixo ἴδιος (idios), que significa próprio de alguém, privado (como oposto ao público), alguém não envolvido em assuntos públicos, peculiar ou especifico, leigo, plebeu, inábil, e o sufixo ώτης (otes), usado para formar várias espécies de substantivos. Também pode significar analfabetos ou ignorantes, mas estes não são os significados mais frequentes, tal como muitas edições da Bíblia traduzem. Traduzido na Vulgata latina por “idiōtae”, idiotas, ignorantes, analfabetos ou carentes de educação, etimologicamente derivado do grego ἰδιῶται (idiotai), ver: BEEKES, 2010: 577-8; LIDDELL and SCOTT, 1940; TORRINHA, 1937: 390 e LEWIS and SHORT, 1879.

sacerdotes e escribas com treinamento profissional (EVANS, 2007: 42). Ou seja, algo como uma posição intermediaria entre quase analfabetos e quase alfabetizados. O argumento de Craig A. Evans é digno de consideração, mas tudo dependerá de como se define o analfabetismo e o letramento, se ambos entendidos como a incapacidade e a capacidade de ler e escrever respectivamente, o seu argumento é apenas uma tentativa eufemística de que ambos os apóstolos poderiam saber ler e escrever, mas não possuíam uma avançada educação formal, o que não é demostrado explicitamente em outras passagens dos evangelhos.

Outra menção da capacidade de Jesus de ler aparece no texto apócrifo A *Marrativa de José de Arimatéia"* 4.03, quando Jesus lê em voz alta uma carta enviada pelos Querubins, em uma passagem muito mitológica. O texto da carta é o seguinte:

"Nós, os Querubins e as Criaturas de Seis Asas, que fomos comandados por sua divindade para guardar o jardim do paraíso, estamos declarando isso por meio do ladrão que foi crucificado com você de acordo com seu plano. Quando vimos a marca dos pregos no ladrão crucificado com você e o esplendor de seu ser divino na carta que foi enviada, o fogo que está aqui foi extinto, pois não podia suportar o brilho da marca; e ficamos aterrorizados, dominados por grande medo — pois ouvimos que o criador do céu, da terra e de toda a criação mudou sua morada das alturas para as regiões mais baixas da terra, por conta de Adão, o primeiro a ser criado. Pois, quando vimos a imaculada cruz brilhando como um relâmpago através do ladrão, sua luz sete vezes mais brilhante que o sol brilhante, tremendo nos alcançou, enquanto nós seguramos firmemente nas convulsões do submundo. Com um grande grito, os ministros do Hades, junto conosco, gritaram: 'Santo, santo, santo, aquele que está no princípio, nos lugares mais altos.' E os poderes enviaram um grito: 'Ó Senhor,

você apareceu no céu e na terra, e proporcionou alegria às eras, tendo salvado sua própria criação da morte" (EHRMAN, 2011: 580-3).

# Quarta Parte

## VI. Conclusão

### Jesus como “Mestre”

Em algumas passagens dos evangelhos canônicos, Jesus é chamado de ῥαββί - rabi (rabino)[12], substantivo grego de origem aramaica e hebraica, ou de ραββουνι – rabbouni (forma alternativa de rabi)[13], também grego de origem hebraica. Também é chamado de ἐπιστάτα – epistata,[14] substantivo grego no caso vocativo de ἐπιστάτης – epistatens, comumente traduzido por “mestre”, palavra de tradução problemática, pois os significados encontrados nos dicionários são: suplicante, chefe, comandante, presidente de assembleia, superintendente e administrador.[15] Ou, διδάσκαλε - didaskale (ó professor), substantivo grego no caso vocativo de διδάσκαλος – didaskalos (professor),[16] porém alguns dicionários mencionam como “professor de meninos” (pode significar também “mestre de obra”), talvez na intenção de apontar Jesus como um professor menor, em virtude da sua precária educação formal.

A questão do analfabetismo e do baixo letramento em uma região rural culturalmente precária, tal como aquela na qual Jesus viveu, quando alguém,

---

[12] Mateus 23.07; Marcos 9.05 e 14.45.

[13] Marcos 10.51; João 20.16 e 31.38.

[14] Lucas 5.05; 8.24 e 45; 9.33 e 49; 17.13.

[15] Ver: LIDDELL: 1940.

[16] Mateus 8.19; 9.11; 12.38; Marcos 4.28; 5.35; 9.17; 10.17 e 20; 12.14; 19.32; Lucas 19.39; João 1.38; 3.32.

mesmo razoavelmente letrado, se infiltra no local, nos lembra aquela frase popular “em terra de cegos, quem tem apenas um olho é rei”. Isto é, um semianalfabeto que ensina em uma região rural para uma população de analfabetos, será indubitavelmente considerado um “mestre” pela ignorante população local, enquanto que, se este mesmo mestre semianalfabeto for para a Universidade de Harvard, ele será considerado um iletrado. Ou seja, o conceito de mestre depende do grau de letramento na relação mestre/discípulo, bem como nas circunstâncias, na época e na região, onde a relação acontece. Quando um camponês analfabeto chama alguém precariamente alfabetizado de “mestre”” é o mesmo que um camponês analfabeto chamar um curandeiro de “doutor”, uma parteira de “enfermeira”, ou um pedreiro de “arquiteto”. Muito diferente é a circunstância na qual um professor universitário chamar um ganhador de Prêmio Nobel de mestre. Também, no passado, para alguém ser chamado de mestre era necessário bem menos estudo do que um professor atual, haja vista que o conhecimento aumentou muito deste a Antiguidade para os dias de hoje. Quanto à diferença nas regiões, não é possível comparar um professor precário na região rural, com um professor nos importantes centros culturais, nas academias e nas bibliotecas da Antiguidade, quais sejam, Atenas, Alexandria, Pérgamo e Roma. Para aqueles que acreditam que Jesus foi um mestre, se a porcentagem de analfabetismo na região rural da Palestina, por volta do século I e. c., era de 95%, então Jesus foi um mestre para uma população de analfabetos.

Os números exatos são difíceis de assegurar, mas uma padrão comparativo pode ser utilizado. Quando retrocedemos no tempo, o que observamos é que, quando mais antiga as civilizações, maior a proporção de população camponesa em relação à população urbana, ou seja, os povos mais antigos eram

mais rurais do que urbanos. Com isso, os centros urbanos eram mais alfabetizados que os setores rurais. Aconteceu um rápido crescimento da população urbana a partir da revolução industrial (século XIX). A taxa total de alfabetização dos judeus em Israel nos primeiros séculos e. c. era provavelmente menor que 3%. Embora isso possa parecer muito baixo para os padrões de hoje, era relativamente alto no mundo antigo. Se ignorarmos as mulheres (com base em sua não participação na sociedade), levarmos em consideração apenas crianças acima de sete anos, esquecermos os fazendeiros distantes e considerarmos a alfabetização das pessoas não educadas (por exemplo, alguém que não sabe ler a Torá, mas lê uma bula, ou seja: alfabetização pragmática), então a taxa de alfabetização (homens adultos nos centros urbanos) pode ser de até 20%, uma taxa alta para uma sociedade da Antiguidade.

Também, o fato de Jesus ser chamado de rabi, de mestre ou de professor não é prova histórica de que ele realmente era um letrado, uma vez que os evangelhos foram compostos por seguidores e admiradores de Jesus, então os sentimentos pessoais de admiração e de louvor foram projetados nos escritos destes compositores. Da mesma maneira que Jesus é chamado de Senhor ou de Nosso Senhor, também um sentimento de reverência e de admiração na composição dos textos, uma vez que ele poderia ser Senhor para uns e não para outros que não o admiravam. A projeção dos sentimentos de admiração e de veneração, pelos compositores dos textos sagrados, não é exclusivo dos primeiros cristãos, senão comum em todas as religiões, por isso um historiador deve ter cuidado na avaliação destas modalidades de composições. Observe também as condições precárias dos apóstolos, eles eram quase mendigos, desempregados ou subempregados, alguns analfabetos (Pedro e João) e quase miseráveis.

Ademais, quando aqueles que argumentam em favor do letramento de Jesus apontam que nos evangelhos canônicos Jesus citava e discutia as escrituras com outros rabinos, entretanto as citações das passagens escriturais são reproduzidas, portanto não é impossível que Jesus conhecesse as escrituras de memória, uma prática comum na Antiguidade, enquanto que, as discussões com os escribas e com os rabinos não são reproduzidas sobre o que Jesus estava discutindo com eles, o que nos impede de saber o grau de intelectualidade destas discussões, poderia se estender desde banalidades até complexos temas teológicos. Enfim, o fato de citar muitas passagens em dezenas de escrituras bíblicas não é prova suficiente da capacidade de ler, pois muitos religiosos antigos conheciam as escrituras de memória, sobretudo em regiões rurais onde a ensino era ausente ou precário. Muitos não sabem, ou nunca pesquisaram sobre o assunto, sobre o quanto de conhecimento e de habilidade em discutir é possível alcançar apenas com o aprendizado oral, eu pude testemunhar esta façanha durante minha estadia na Índia, com devotos hindus, nos anos 1980. A esposa do meu instrutor de sânscrito conhecia dezenas de longos hinos e centenas de shlokas (versos) das escrituras (em sânscrito e em tâmil) de memória, e era muito agradável ouvi-la cantar, uma vez que possuía uma bela voz. Portanto, primeiro é preciso saber o quanto, nas escolas judaicas do primeiro século e. c., o aprendizado era por meio escrito e o quanto era feito por meio oral.

A história do Judaísmo Rabínico revela que a denominação de “rabino”, na época de Jesus, século I e. c., não tinha o mesmo significado e a mesma formalidade que obteve após a destruição de Jerusalém e do Templo, por isso a diferenciação histórica entre Judaísmo Antigo e Judaísmo Rabínico (a partir da codificação do Talmude no século VI e. c.), pois não exigia treinamento formar,

educação e ordenação, tal como aconteceu nos séculos seguintes com o rabinato. Portanto, a designação “rabino”, no século I e. c., era uma designação informal, talvez mais usada como um termo de respeito e de admiração, do que propriamente alguém com uma formal ordenação religiosa. Também, a passagem Marcos 1.22, quando Jesus é admirado por aqueles presentes no templo. ”Eles ficaram admirados com o seu ensinamento, pois ele os ensinava como alguém que tem autoridade e não como os escribas” (NRSVU, 2021), não é prova do letramento de Jesus, pois a admiração pode ter sido em razão da sua oratória, e não em virtude do seu letramento e do seu conhecimento, haja vista que a oratória e a persuasão são obtidas através do aprendizado oral. Para efeito persuasivo, é preciso falar em uma linguagem que agrade o público ouvinte, então o uso de uma linguagem retórica apropriada para o agrado do povo camponês tem mais autoridade do que a linguagem erudita, de difícil compreensão para um camponês. Uma vez que, quase todos não conhecem, sobretudo o camponês, o que é pedantismo, então a linguagem retórica e persuasiva tem mais efeito sobre eles do que a linguagem erudita, consequentemente entendendo que persuasão tem mais autoridade do que a fundamentação e a demonstração. Então, a passagem “pois ele os ensinava como alguém que tem autoridade e não como os escribas” não é prova de que o que Jesus ensinava era mais fundamentado, pois Jesus poderia ter falado em uma linguagem mais compreensível ao camponês, o que foi percebido com mais autoridade para o público ouvinte, sobretudo com o emprego de “lugares comuns” (palavras e frases retóricas aceitas por todos os ouvintes, as quais carregam efeito persuasivo). Portanto, não é possível decidir com certeza sobre esta questão, uma vez que não é mencionado o que Jesus ensinava no templo, o que nos deixa desinformados quanto ao conteúdo do ensinamento. Não é estritamente

necessário ser letrado para ser eloquente, pois esta é uma habilidade que se aprende através da comunicação oral, sobretudo naquela época e região. Da mesma maneira, a fala convicta transmite autoridade, portanto tem efeito de convencimento. Enfim, Jesus foi talvez um hábil e eloquente orador iletrado, por isso sua pregação tinha efeito.

Ademais, quanto à relação mestre/discípulo, os seguidores de Jesus são chamados nos evangelhos canônicos de μαθηταὶ - mathetai (discípulos),[17] implicando que, se Jesus tinha discípulos, então ele era um mestre. Esta relação nos lembra, mais uma vez, a frase citada acima de que “em terra de cegos, quem em apenas um olho é rei”. Tal como é possível extrair dos evangelhos canônicos, estes “discípulos” de Jesus eram necessitados, mendigos, desempregados e alguns analfabetos, portanto, para aqueles nestas condições, “qualquer migalha é alimento para o pobre”. Portanto, o argumento de Craig A. Evans de que Jesus não foi um camponês qualquer, mas alguém excepcional, bem como um “mestre”, que teve “discípulos” (2006: 48s), pode ter algum grau de verdade, mas, se foi assim, ele foi, no máximo, alguém que sabia um pouco mais do que os outros que o rodeavam, por isso era chamado de “mestre”. Desta maneira, mais especificadamente, se acreditarmos no letramento de Jesus, ele foi no máximo um alfabetizado funcional e no mínimo um analfabeto funcional.

Já entre os cristãos que reconhecem o analfabetismo de Jesus, é colocado o argumento de que “letramento não é o mesmo que sabedoria, pois Jesus podia não ter letramento, mas tinha sabedoria”. O conceito de “sabedoria” possui tantas graduações

---

[17] Marcos 2.16, 18, 23; 3.7 e 9; 4.34; 5.31; Lucas 6.20; 10.23; 12.22; 14.26-7.

quanto o conceito de letramento. Uma vez que, o que foi sabedoria no passado não é mais sabedoria hoje, o que é sabedoria na região rural não é sabedoria na região urbana. Portanto, o que é sabedoria para um analfabeto, não é sabedoria para um escolarizado e assim por diante. Em um passado bem remoto, em uma isolada região rural, reconhecer que “o dia amanhece porque o galo canta”, ou que “o dia anoitece porque a coruja acorda”, ou que “a chuva acontece porque a cigarra canta” era uma sabedoria campesina, entretanto, hoje sabemos, com absoluta certeza, que eram ignorâncias astronômica e meteorológica.

## V. Bibliografia Selecionada

BAR-ILAN, Meir. *Illiteracy in the Land of Israel in the First Centuries C. E*. in *Essays in the Social Scientific Study of Judaism and Jewish Society*. S. Fishbane, S. Schoenfeld and A. Goldschlaeger (eds.), New York: Ktav, 1992, pp. 46-61. Eletronic Edition: Academia.edu, pp. 01-14.

BEEKES, Robert. *Etymological Dictionary of Greek*. Leiden/Boston: Brill, 2010.

BOTELHO, Octavio da Cunha. *A Interpolação da Perícope da Adúltera nos Evangelhos*. Edição Eletrônica, 2025, DOI: 10.13140/RG.2.2.14082.18886

BOTHA, Pieter J. J. and Pieter F. Craffert. *Why Jesus could Walk on the Sea but He could not Read and Write: Reflections on Historicity and Interpretation in Historical Jesus Research* in *Neotestamenica* 39.1, 2005, pp. 5-35.

BRONKHORST, Johannes. *Literacy and Rationality in Ancient India* in *Asiatische Studien/Études Asiatiques* 56 (4), 2002, pp. 797-831. Eletronic Edition: Academais.edu, pp. 01-30.

EHRMAN, Bart D. and Zlatko Plese (trs.) *The Apocryphal Gospels: Texts and Translations*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2011.

ELLIOTT, J. K. (tr). *The Apocryphal New Testament: A Collection of Apocryphal Christian Literature in an English Translation*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2005.

____________ *A Synopsi of the Apocryphal Nativity and Infant Narratives*. Leiden/Boston: Brill, 2006.

EVANS, Craig *A. Jewish Scripture and the Literacy of Jesus* in *From Biblical Criticism to Biblical Faith,* 2007, pp. 41-54.

GERHARDSSON, Birger. *Memory and Manuscript: Oral Tradition and Written Transmission in Rabbinic Judaism*

*and Early Christianity*. Uppsala/Copenhagen: C. W. K. Gleerup-Lund/Ejnar Munksgaard, 1961.

GOODY Jack. *The Domestification of the Savage Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HARRIS, William V. *Ancient Literacy*. Cambridge/London: Harvard University Press, 1991.

JPS. *Hebrew-English Tanakh*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 2000.

HEZSER, Catherine. *Jewish Literacy in Roman Palestine*. Tübingen: Mohr Siebek, 2001.

________________*Jewish Literacy and Languages in First Century Roman Palestine* in *The Languages of Palestine at the Time of Jesus.* Craig Morrison (ed.). Biblica et Orientalia, 89:01, 2020, pp. 58-77. Eletronic Edition: Academia.edu, pp. 01-26.

HUNT, Arthur S. and Bernard P. Grenfell (eds and trs.) *The Oxyrhynchus Papyri*, parts. I and II. London: Egypt Exploration Fund/ Kegan Paul, Trench, Trübner & CO, 1898.

KEITH, Chris. *The Pericope Adulterae, the Gospel of John and the Literacy of Jesus*. Leiden/Boston: Brill, 2009a.

____________ *The Claim of John 7.15 and the Memory of Jesus' Literacy* in *New Testament Studies* 56, Cambridge University Press, 2009b, pp. 44-63.

___________ *Jesus' Literacy: Scribal Culture and the Teacher from Galilee*. New York/London: T & T Clark International, 2011.

___________ *Urbanization and Literacy Status in Early Christian Rome* in *The Urban World and the First Christians.* Steve Walton, Paul R. Tribilco and David W. J. Gill (eds). Grand Rapids: William B. Eearmans Publishing Company, 2017, pp. 187-202.

LEWIS, Charlton T. and Charles Short. *A Latin Dictionary*. Oxford; Clarenton Press, 1879.

LIDDELL, Henry George and Robert Scott. *A Greek-English Lexicon*, 1940, Edição Eletrônica.

LYONS, Martyn. *A History of Reading and Writing in the Western World*. London: Macmillan Education UK, 2010.
MACDONALD, M. C. A. *Literacy in an Oral Environment* in *Writing and Ancient Near Eastern Society.* London/New York: T & T Clark, 2006, pp. 45-114.
MEIER, John P. *A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus*, Volume 1. New York: Doubleday, 1991, pp. 268-78.
MINCHIN, Elizabeth (ed.). *Orality, Literacy and Performance in the Ancient World*. Leiden/Boston: Brill, 2012.
MILLARD, Alan. *Reading and Writing in the Time of Jesus*. Biblical Seminar 69. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000.
OTERO, Aurelio de Santos (tr.). *Evangelios Apocrifos: Colección de textos griegos y latinos, versión crítica, estudios introductorios, comentários e ilustraciones*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1956.
SIMPSON, D. P. *Cassell's New Latin Dictionary*. New York: Funk & Wagnalls Company, 1960.
THACKERAY, H. St. J. (tr.). *Josephus*. Cambridge: Harvard University Press, vol. III: 1958 e vol. V: 1950.
TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos Reunidos, 1937.
SCHNEEMELCHER, Wilhelm. *New Testament Apocrypha*, 2 volumes. Louisville/London: James Clarke & Co/Westminster John Knox Press, 2003.
WISE, Michael Owen. *Language and Literacy in Roman Judaea: a Study of the Bar Kokhba Documents.* New Haven/London: Yale University Press, 2015.
WRIGHT, Brian J. *Communal Reading in the Time of Jesus: A Window into Early Christian Reading Practices.* Minneapolis: Fortress Press, 2017.